

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

MATHEUS RODRIGUES DA SILVA

Uma década de crítica musical no G1:
análise de elementos do jornalismo opinativo-musical de 2014 a 2023

Porto Alegre

2023

MATHEUS RODRIGUES DA SILVA

Uma década de crítica musical no G1:

análise de elementos do jornalismo opinativo-musical de 2014 a 2023

Trabalho de conclusão de curso como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aline do Amaral Garcia Strelow

Porto Alegre

2023

FOLHA DE APROVAÇÃO

MATHEUS RODRIGUES DA SILVA

Uma década de crítica musical no G1:

análise de elementos do jornalismo opinativo-musical de 2014 a 2023

Trabalho de conclusão de curso como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aline do Amaral Garcia Strelow

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Aline Strelow - UFRGS Orientadora

Prof. Dr. Basílio Sartor - UFRGS Examinador

Prof.^a Dr.^a Cida Golin - UFRGS Examinadora

Dedico este trabalho para a minha avó Tânia (*in memoriam*), que marcou a minha vida com sua personalidade inconfundível e enorme coração. Uma mulher que, sobretudo, vivia intensamente a música (e do seu jeito), compartilhando o gosto por discos comigo. Obrigado por me presentear com o *The Wall*, um dos meus álbuns favoritos de todos os tempos. Quem sabe um dia não voltamos a ouvir Whitney juntos?

AGRADECIMENTOS

Apesar do sonho do ensino superior e do diploma ser algo que teoricamente estou alcançando de forma individual, ninguém vence sozinho. Sobretudo em uma graduação que foi escrita com lágrimas, sangue e suor do início ao fim.

O primeiro agradecimento vai para o alicerce de tudo que construí nesses oito anos: meus pais. Sem eles não haveria vestibular, graduação, nada. Apesar de sermos uma família de classe média baixa, eles sempre buscaram o possível e o impossível para que eu não me tornasse mais um preto f*dido (como meu pai diz), que é o comum de acontecer no lugar de onde eu venho. Ao meu pai, Clodoaldo, o meu profundo agradecimento por ser um exemplo em um país repleto de homens que fogem de sua responsabilidade. Para a minha mãe, Patrícia, a minha gratidão por ser desde sempre uma mulher que não hesitou em se colocar em segundo, terceiro e até último lugar para que eu pudesse ter um desenvolvimento decente como ser humano.

Nem todo familiar vale a lembrança, mas os bons sabem quem são, não é mesmo? Um agradecimento especial para os meus tios e tias maternas, mas um ainda maior para as minhas tias paternas (Rosane, Eliane, Cristiane) e toda a comunidade em volta delas, como a minha prima Ingrid, meus primos, afilhados, amigos e convidados, pois sempre aprendi com elas que a vida é uma festa em que sempre pode entrar mais um.

Agradeço ao meu melhor amigo Lucas Mello pela parceria e lealdade demonstrada em quase dez anos de convivência. Tua amizade foi como uma bússola em um mundo de descobrimentos que desbravamos juntos. Obrigado por segurar na minha mão durante os momentos mais difíceis da minha vida e por ter participado ativamente dos melhores.

Agradeço aos meus amigos do grupo Parlamento, que embora o tempo, a pandemia e as atribuições da vida adulta tenham nos afastado, o carinho sempre seguirá vivo. Vocês estão nas minhas melhores memórias da primeira metade da graduação. Obrigado Maira, Glauber, Thuanny, Thayse, Paula e Elias (mas com um abraço mais especial ainda para Maira e Glauber, esqueleto inicial deste grupo maravilhoso)! *Problematiz-amos*.

Dentre outros amigos que a Fabico me deu, uma merece um parágrafo em especial (já que não posso dar um capítulo): Samara Onofre. Desde a recepção dos bixos e por toda a primeira fase da graduação foi uma grande amiga, mas na

segunda fase teve um papel ainda mais crucial. Insistiu em manter contato comigo mesmo em meus momentos de maior isolamento e sem receber nada em troca. Estendeu a mão para mim em diversos momentos turbulentos em que me senti sozinho na Fabico por ser aluno irregular. Uns 10% (ou mais) do meu diploma são seus, meu amor!

Com o gancho do agradecimento para Samara, quero salientar meu carinho para outros tantos amigos, como os próprios fabicanos e outros agregados, o grupo Queridox (em especial minha irmãzinha Emanuelle), o The Monias Imunizadas, o grupo Balcânicas e as pessoas queridas que conheci pela internet nessa vida de blogueiro eurovisivo (que os bons também sabem quem são!).

E por fim, agradeço a minha brilhante orientadora Aline Strelow por aceitar participar dessa loucura que foi o meu TCC. Em quase todas as reuniões eu chegava em total desespero, mas saía aliviado pelas conversas quase terapêuticas que tivemos. Sempre muito atenciosa, compreensiva, mas exigente. Não poderia ter uma pessoa melhor para me guiar em um trabalho como esse.

Mens infirma in corpore sano
Animus tristis in corpore sano
Mens desperata in corpore sano
Mens conterrita in corpore sano
I šta ćemo sad?

Konstrakta

RESUMO

A presente pesquisa busca analisar uma série de textos apresentados na seção de música do portal G1 durante o período de 2014 a 2023. O objetivo do trabalho é entender se estes textos se caracterizam como crítica musical, bem como investigar que tipos de características são apresentadas nesta escrita. Para chegar a estes resultados, foi utilizada como metodologia a Análise de Conteúdo. O corpus da pesquisa é formado por 10 textos que falam sobre álbuns de música lançados em diferentes épocas. Os documentos foram divididos em quatro categorias que buscaram entender o perfil dos autores, as temáticas abordadas, o estilo textual e o público-alvo pensado para estas matérias. Após uma comparação com o referencial teórico sobre jornalismo opinativo e musical, foi possível concluir que estes textos se enquadram como críticas ao apresentar características fundamentais da atividade, como a mediação entre público e artista, orientação de consumo de bens culturais e a presença de contextualização histórica.

Palavras-chave: Jornalismo Cultural, Jornalismo Musical, Crítica musical, Portal G1

ABSTRACT

The present research aims to analyze a series of texts presented in the music section of the website G1 during the period from 2014 to 2023. The key objective of this piece is to understand whether these texts qualify as music criticism, and to investigate the types of characteristics presented in this writing. To achieve these results, Content Analysis was used as the methodology. The research corpus consists of 10 texts discussing music albums released at different times. The documents were categorized into four groups that sought to understand the authors' profile, the addressed themes, the textual style, and the intended target audience for these articles. After comparing the theoretical framework of opinionated and musical journalism, it was possible to conclude that these texts fulfill the definition of music criticism by presenting fundamental characteristics of the activity, such as mediating between the audience and the artist, guiding the consumption of cultural goods, and providing historical context.

Keywords: Cultural Journalism, Music Journalism, Music criticism, G1 website.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página de estreia do G1, o portal de notícias da Globo.....	32
Figura 2 - Página principal da editoria Pop & Arte.....	33

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Críticas que compõem o corpus da pesquisa.....	48
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - As 12 finalidades do jornalismo e a crítica musical.....	22
Quadro 2 - Críticas que formam o corpus da pesquisa.....	39
Quadro 3 - Artistas ou bandas citados e gêneros musicais.....	46
Quadro 4 - Gêneros musicais lembrados.....	49
Quadro 5 - Presença de recursos do ciberjornalismo nos textos.....	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 JORNALISMO CULTURAL E CRÍTICA MUSICAL.....	13
2.1 Cultura e jornalismo cultural.....	13
2.1.1 Breve conceito de “cultura”	13
2.1.2 Breve histórico do jornalismo cultural.....	14
2.2 Crítica musical e jornalismo.....	15
2.2.1 Crítica musical: origens, desenvolvimento e o seu conceito.....	16
2.2.2 Reiterando princípios da crítica como jornalismo.....	21
3 JORNALISMO MUSICAL BRASILEIRO, CRÍTICA NACIONAL E O PORTAL G1... 25	
3.1 Breve histórico do jornalismo musical no Brasil.....	25
3.2 Breve panorama histórico da crítica musical no Brasil.....	29
3.3 Objeto de estudo: G1 - A evolução do portal de notícias da Globo.....	31
3.3.1 Editoria Pop & Arte.....	33
4 ANÁLISE DAS CRÍTICAS DO G1.....	35
4.1 Metodologia e delimitação do corpus.....	35
4.2 Análise em categorias.....	40
4.2.1 Perfil dos autores.....	41
4.2.2 Temáticas abordadas.....	42
4.2.3 Estilo textual.....	50
4.2.4 Direcionamento de público.....	53
4.3 Resultados da análise.....	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICE A – LINKS PARA AS CRÍTICAS DO CORPUS.....	62

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe analisar textos sobre álbuns musicais com cunho analítico publicados no portal G1, site do Grupo Globo criado em 2006 com enfoque total na internet e nas plataformas digitais. A escolha deste tema nunca foi uma dúvida em todo o meu período de graduação, mas o foco dado a ele foi mudando até chegarmos nesta monografia. Mas antes de tudo, um pequeno histórico pessoal que explica o meu fascínio pela crítica.

Desde o início da minha adolescência comecei a criar uma grande afeição pela música como arte, mas vivia uma difícil dicotomia entre *falar sobre ela* e *fazer parte dela*, sendo um artista (coisa que hoje, até como veremos no trabalho, não é um impeditivo para o exercício da crítica musical). Escrevia canções, projetava álbuns na minha cabeça, mas ao mesmo tempo já tinha uma página no Facebook para falar sobre música, e em seguida um blog (tudo isso com no máximo 16 anos).

A maturidade começa a chegar, os sonhos vão sumindo e o estereótipo do “músico frustrado” me ronda assim que entro na UFRGS, buscando o curso de Jornalismo pois era o que mais tinha a minha cara em meio ao cardápio do ensino superior. Há um paralelo muito interessante que une os jornalistas esportivos e os culturais: muitos escolheram a tarefa pois “ser jogador não deu certo” ou “ser ator não funcionou”. Pode-se pensar que, até com alguma razão, há uma sensação de inveja em quem exerce uma tarefa de cobrir e criticar algo que você um dia sonhou fazer, mas agora assumo uma posição um tanto corporativista para dizer que não é bem assim. Aprendi antes de me debruçar mais nas bibliografias sobre crítica que quem exerce essa tarefa é em geral um apaixonado pela arte que reporta. E de fato, sou uma pessoa que acorda, almoça, janta e dorme pensando em música. Hoje em dia coordeno o Kolibli, site que criei em 2019 para falar sobre música popular global e o festival Eurovision, buscando colocar luz em produções de países fora do circuito ocidental comum (Estados Unidos - Canadá - Reino Unido).

Entretanto, o que move esta pesquisa não é só o meu amor pela crítica e pela música, mas também a sensação de que precisava me aplicar mais nesta tarefa que pouquíssimo vi no meu período de graduação. Talvez eu tenha escrito apenas uma resenha cultural em todos os meus anos na UFRGS, por meio da extinta disciplina de Jornalismo Impresso I.

Estudar sobre crítica, seja ainda na fase da disciplina de Metodologias de Pesquisa ou por conta própria, sempre foi engrandecedor, mas ao mesmo tempo me enche de um sentimento de pequenez diante da imensidão de assuntos a explorar não só neste formato de jornalismo opinativo, mas também na música em si. Portanto, alerto que esta monografia não busca ser um retrato definitivo sobre a crítica musical, até por ser uma questão muito subjetiva, mas sim um trabalho de pés no chão que articula diversos autores e ideias para entender mais sobre esta belíssima atividade. Enfim, vamos ao trabalho.

Sempre soube que o G1 fazia críticas musicais, mas fiquei curioso quanto a periodicidade dessa atividade em um portal que parece ter um foco mais intenso no *hard news*. Portanto, o objetivo da pesquisa é entender que espaço é dado para esta atividade, se estes textos realmente se enquadram como crítica, já que sentia a impressão de que o G1 não “*era bem o local certo para isso*”, e quais características estas matérias apresentam em sua escrita.

No primeiro capítulo, traremos breves conceitos baseados em autores como Jorge Rivera e Roberto da Matta para articularmos sobre o que falamos quando evocamos o que significa a “cultura” no jornalismo cultural. Como veremos mais adiante, e até o objeto de análise, que é o G1, esta editoria é difícil de se conceituar de forma cabal (Branco, Targino e Gomes, 2013), mas precisamos de uma base para então adentrarmos na história deste formato, que quase sempre esteve ligado ao exercício da crítica cultural. Em uma segunda parte, falamos especificamente sobre a atividade do crítico musical trazendo uma pequena perspectiva histórica de modo amplo, mas também entendendo e reiterando-a como um formato circunscrito no jornalismo (e, portanto, com os mesmos deveres).

No segundo capítulo colocamos no centro da discussão o Brasil, buscando entender brevemente o jornalismo musical em nosso país e como a crítica musical se desenvolveu. A partir da bibliografia levantada, traçamos uma perspectiva histórica com três fases: a primeira trata da música clássica, com expoentes como o escritor Mário de Andrade; a segunda aborda a chegada da música popular no Brasil; e a terceira é a que vivemos hoje, com a convergência midiática e a enorme oferta de música pelos serviços de *streaming*. Nesta parte da monografia também apresentamos o portal G1 como nosso objeto de análise com um breve histórico de como funciona seu jornalismo cultural através da editoria *Pop & Arte*.

No terceiro capítulo, é feita a análise de dez textos de cunho crítico sobre álbuns de música, publicados entre 2014 e 2023. Como metodologia, utilizamos a Análise de Conteúdo (AC) de Laurence Bardin (1977) com o amparo de Heloisa Herscovitz (2007), que trata do assunto com enfoque no jornalismo. Os textos então foram observados em quatro categorias, com um modelo inspirado em Costa (2023). Ao final da seção, estão as considerações sobre os resultados.

No último capítulo, estão nossas considerações finais para destacar as principais conclusões feitas durante a monografia e refletir sobre os resultados.

2 JORNALISMO CULTURAL E CRÍTICA MUSICAL

A intersecção histórica entre jornalismo cultural e crítica é um terreno fértil de análise e exploração, onde as narrativas criadas entre os dois se entrelaçam de maneira profunda e significativa. Neste capítulo (que se divide em duas partes), iremos adentrar esse universo buscando primeiramente entender de que “cultura” falamos quando nos referirmos ao jornalismo cultural, para então entender que atividades se desempenham nele e suas origens. Posteriormente, entra em foco o exercício da crítica musical, abordando brevemente sua gênese histórica e traçando uma perspectiva com os tempos de hoje. Nesta parte, também usaremos teorias do jornalismo para entender o que caracteriza este formato textual na contemporaneidade, reforçando sua posição na atividade.

2.1 Cultura e jornalismo cultural

2.1.1 Breve conceito de “cultura”

Para chegarmos até a ponta do iceberg representado pela crítica cultural musical no jornalismo, precisamos entender de que tipo de atividade estamos falando. Por si só, o conceito de cultura é de imensa amplitude e suscita diversas discussões desde que a pesquisa acadêmica existe. De acordo com Branco, Targino e Gomes (2013); ao falar de comunicação, dentre as diferentes áreas, está “o jornalismo cultural, cuja concepção nem sempre é consensual, tanto pelas controvérsias que envolvem o termo – cultura –, sobretudo num país fundamentalmente multicultural como o nosso, como pela carência de estudos teóricos”.

Em artigo publicado em 1981 no Jornal da Embratel (Rio de Janeiro) com o título “Você tem cultura?”, o antropólogo Roberto da Matta traça paralelos entre as diferentes concepções do termo:

De fato, quando um antropólogo social fala em "cultura", ele usa a palavra como um conceito chave para a interpretação da vida social. Porque para nós "cultura" não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de "civilização" mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo

pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas.
(MOTTA, 1981, p. 2)

É do senso comum o fato de que, por exemplo, se dedicam às páginas de “cultura” espaços para divulgação de atividades das chamadas grandes artes, como a música, o cinema e a literatura. Basso estabelece reflexões sobre o que se refere a tal “cultura” no jornalismo cultural, mas alerta que “se por Jornalismo Cultural fosse entendida apenas a veiculação do gosto literário-artístico, deveria, então, ser chamado de Jornalismo de Artes” (2006, p.2). Daniel Piza (2003, p. 57) dialoga positivamente com esta ideia, lembrando que hoje se encontra um espaço cada vez maior no jornalismo cultural para assuntos que vão além das artes, como gastronomia, moda e design, apesar de alertar que essa expansão tem colocado a prática em uma “posição tímida diante do marketing e da dimensão mais e mais avassaladoras da chamada ‘indústria do entretenimento’”.

Basso (2006) transcreve um conceito trazido pelo jornalista e pesquisador Jorge Rivera que abrange o que entendemos neste trabalho como jornalismo cultural:

[...] uma zona muito complexa e heterogênea de meios, gêneros e produtos que abordam com propósitos criativos, críticos, reprodutivos ou divulgatórios os terrenos das ‘belas artes’, as ‘belas letras’, as correntes do pensamento, as ciências sociais e humanas, a chamada cultura popular e muitos outros aspectos que têm a ver com a produção, circulação e consumo de bens simbólicos, sem importar sua origem ou destinação (RIVERA, 2003¹, p. 19 apud BASSO, 2006, p. 2-3, tradução da autora).

2.1.2 Breve histórico do jornalismo cultural

Definir com convicção um ponto de partida para o jornalismo cultural seria algo muito complicado, mas Daniel Piza (2002) identifica o ano de 1711 como um dos marcos iniciais da atividade. O motivo: neste ano, os ingleses Richard Steele e Joseph Addison fundaram a revista *The Spectator*, periódico que tinha como objetivo “tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembleias, casas de chá e cafés”.

O jornalismo cultural inglês, dedicado à avaliação de idéias, valores e artes, é produto de uma era que se inicia depois do Renascimento, quando as máquinas

¹ RIVERA, Jorge B. **El periodismo cultural**. 3. ed. Buenos Aires: Paidós, 2003 apud BASSO, 2006.

começaram a transformar a economia, a primeira revolução industrial já ocorrera e o humanismo se propagara da Itália por toda a Europa. (PIZA, 2008, p. 8)

Weill (1962, *apud* Strelow, 2008) conta que o *The Spectator* iniciou sua circulação com uma tiragem de três mil exemplares, o que era considerado bastante significativo para aquele período. Em alguns casos, a tiragem chegou a atingir vinte ou até mesmo trinta mil exemplares. Seu impacto foi tão poderoso que cerca de cem títulos de revistas de ensaios surgiram na Inglaterra até 1750. Segundo Arnt (2001, *apud* Strelow, 2008), é também possível colocar outro marco inicial para o jornalismo cultural: o surgimento da crítica literária em 1665, na gazeta especializada francesa *Journal des Savants*, com o anúncio de livros novos, divulgação de descobertas científicas e outras ideias sobre o seu conteúdo.

A partir deste ponto, podemos perceber que a história da crítica cultural e do jornalismo cultural sempre estiveram intrinsecamente ligadas. Outros jornais literários surgiram na França, mas muitos adotaram uma postura subserviente, evitando contrariar a ordem estabelecida. O *Nouvelles de la Republique des Lettres*, dirigido por Bayle, foi um dos jornais literários mais bem-sucedidos do final do século XVII.

No século XIX (PIZA, 2002), o jornalismo cultural se tornou mais influente e aberto às questões sociais, e grandes atores como Samuel Johnson (o “Dr. Johnson”, reconhecido pelo autor como pai da crítica), Charles Baudelaire e George Bernard Shaw ganharam destaque em suas respectivas regiões. O jornalismo cultural também teve grande influência na Revolução Francesa e desempenhou um papel importante nos Estados Unidos e no Brasil (neste caso, com implicações que descreveremos no próximo capítulo). A modernização da sociedade e da imprensa transformou o jornalismo cultural, tornando-o mais focado na reportagem e na entrevista, além de trazer mais destaque para as revistas literárias e culturais.

2.2 Crítica musical e jornalismo

Abrindo um discreto espaço para falar em primeira pessoa, preciso dizer que desde que comecei a me interessar por música de forma mais profunda e de exercer o papel de crítico musical, lidei com sentimentos antagônicos em torno da atividade. Apesar da admiração, sempre senti uma espécie de culpa baseada em preconceitos que as pessoas poderiam ter acerca do trabalho do crítico musical. Quando há um

conflito de expectativas entre o público, o projeto de um artista e a opinião do crítico, este último é entregue a um, muitas vezes hostil, escrutínio do debate público (que hoje se encontra potencializado pelas redes sociais).

A preocupação pessoal em torno da função do crítico também parte de uma questão etimológica, por assim dizer. De acordo com o minidicionário Luft (2010), a palavra “crítica” consiste na “arte ou faculdade de julgar obras de natureza literária, artística ou científica”. Já o verbete “crítico” conta em seu primeiro significado com a definição de ser um verbo “relativo à crise”. São acepções que dificilmente geram percepções positivas, pois há no emprego da palavra sentidos que giram em torno de uma suposta busca por defeitos no que se analisa. Se nós temos uma opinião favorável a dar para alguém, ela é um “elogio”; já a desfavorável, uma “crítica”.

Apesar dos significados evocados pela palavra, a imagem dos críticos não passa apenas por “questões de dicionário”, mas também por um misto de concepções erradas entre público, artistas e quem faz essa atividade (incluindo aqui suas condutas). Em seguida, abordaremos um histórico breve da crítica, para adiante abordarmos teorias do jornalismo e opiniões de profissionais em torno de um conceito mais fechado do que seria uma resenha e o que caracterizariam boas práticas nesta produção.

2.2.1 Crítica musical: origens, desenvolvimento e o seu conceito

Dialogando com conceitos de Ian Bent, Corrêa (2006) afirma que a análise musical tem suas origens nos primórdios da classificação realizada pelo clero Carolíngio (Século VIII), que determinou os diferentes modos usados nas antífonas² do repertório litúrgico. O tratado de Aristoxenos (século IV A.C) também é citado como um momento histórico importante, mas o autor os considera ainda muito incipientes.

Para um início que se aproxima do que nós entenderíamos como análise musical, Corrêa (2006) coloca em destaque o final do século XVIII, com o surgimento de jornais e programas de concertos comentados. Ele discorre que pioneiros como J. Fr. Reichardt, um dos fundadores da Sociedade Berlim (1783), tratavam aspectos rítmicos, melódicos, harmônicos, entre outros em suas críticas.

² Versículo cantado ou entoado pelo celebrante (padre) que, antes de um salmo ou canto bíblico, é repetido em coro pelos fiéis. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/antifona/>>

No início do período romântico³, a análise musical continuou a se desenvolver, atingindo o apogeu nas críticas escritas por Schumann e Hoffmann, que separaram a análise da técnica composicional da interpretação do conteúdo musical.

Ele (Hoffmann) escreveu para a revista AMZ – Allgemeine musikalische Zeitung – de 1809 até 1815. Schumann, contemporaneamente a Hoffmann, enumerou os quatro pontos sob os quais uma obra deveria ser considerada: forma (conjunto, partes separadas, período, frase); composição musical (harmonia, melodia, escritura, estilo); de acordo com a idéia particular que o artista desejou representar; segundo o espírito que subjaz à forma, ao material e à idéia. Esses são exemplos que refletem o processo realmente compreendido como analítico, no qual o analista se debruça sobre uma obra específica e estuda seus componentes em separado, almejando atingir melhor compreensão da sua íntegra. (Corrêa, 2006, p.37)

Com as transformações sociais que originaram a música popular⁴, a crítica passa por uma reestruturação, expandindo seu alcance para incluir os produtos massificados da indústria cultural e se adaptando ao novo público leitor interessado em consumir bens culturais (NOGUCHI, 2011). Nesse sentido, ela assume uma abordagem mais orientadora, mas também atuando como divulgadora desses produtos. É nesse contexto que surge um novo tipo de texto conhecido como "resenha", popularmente ainda chamado de "crítica".

A resenha configura-se como um **gênero jornalístico** destinado a orientar o público na escolha dos produtos culturais em circulação no mercado. Não tem a intenção de oferecer julgamento estético, mas de fazer uma apreciação ligeira, sem entrar na sua essência enquanto bem cultural. Trata-se de uma atividade eminentemente utilitária; havendo muitas opções no mercado cultural, o consumidor quer dispor de informações e juízos de valor que o ajudem a tomar a decisão de compra. (MELO, 1985, p. 99 apud NOGUCHI, 2011; grifo nosso)

³ O período romântico foi um movimento artístico, político, filosófico e literário iniciado nas últimas décadas do século XVIII e que se estende pelo século XIX (RIBEIRO, 2010)

⁴ Por música popular, entendemos neste trabalho a produção não-clássica que se conecta às “condições de produção e reconhecimento firmadas ao longo do século XX, ou seja, o consumo em larga escala mediante o emprego das tecnologias de reprodução sonora e a configuração de uma indústria fonográfica que será determinante nos circuitos de distribuição, acesso, formatos e até na própria resistência a essas lógicas”. (JANOTTI JR, 2007)

Ainda que seu objeto de análise nas críticas seja o cinema, podemos levar em consideração as visões de Bogado (2023), como uma reflexão sobre a crítica cultural e preceitos que independem do que se analisa. No livro *Crítica e curadoria em cinema: múltiplas abordagens* (2023), ela publicou um texto chamado “Crítica é conversa”, em que defende que as resenhas não só se diferem das pesquisas acadêmicas, pois retratam em geral o calor das discussões atuais em torno de um lançamento, mas também documentam registros de uma época.

Chegando aos textos propriamente ditos, sentia as revistas como um modo de me aproximar ou tomar parte em conversas distantes, seja no tempo ou no espaço. Cada vez mais, salta aos olhos a força da dimensão histórica da crítica. Sendo documentos não de objetos, mas das chamadas da experiência, críticas antigas são capazes de apresentar o passado ainda em movimento. Às vezes, quando vou sozinha à Cinemateca do MAM (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro), chego a ouvir vozes de debates calorosos de muitas décadas atrás. No entanto, aqui cabe frisar um ponto fundamental. Essas conversas só atravessaram gerações porque se tornaram públicas. O ato de publicar tem a ver com se destinar a esse estar junto em uma comunidade instável, capaz de abarcar um fora infinito e desconhecido. (BOGADO, 2023, p. 146-147).

Com um recorte direcionado ao Brasil, mas que também pode servir para a sociedade latina e/ou ocidental de forma geral, Bollos (2005) nota que a prática da crítica foi cada vez mais absorvida pelos jornalistas do que por pessoas de outras áreas.

Influenciado pela indústria cultural e pelo poder dos meios de comunicação (e mais tarde pela obrigatoriedade do diploma de jornalismo), esse formato de jornalismo impôs novos padrões à crítica musical, sendo o escritor substituído pelo “cronista”, pelo jornalista não-especialista, e irá explorar do texto um caráter mais ideológico e histórico e menos estético, deixando os aspectos musicais para segundo plano. Consideramos esse fato um aspecto negativo da crítica musical, criando mesmo um obstáculo para o entendimento do repertório musical brasileiro, pois, o objetivo da crítica jornalística é o de ser capaz de identificar o projeto do artista analisando a obra, possibilitando que esta seja divulgada e assimilada por outras pessoas. (BOLLOS, 2005)

Fazendo um salto histórico para a atualidade instantânea da década de 2020, podemos perceber que a argumentação em torno da utilidade da crítica musical

pode ser enfraquecida quando se perde a amplitude do momento de “decisão de compra”, como José Marques de Melo (1985) caracterizava ser a função da resenha. De exemplo, podemos citar o caso de Ed Sheeran, artista britânico com muitos sucessos de alcance global desde o lançamento de seu primeiro álbum (“+”, 2011), e que é um ferrenho ‘crítico dos críticos’. “Por que você precisa ler uma resenha? Escute isso (o álbum). Está disponível gratuitamente! Faça sua própria decisão. Eu nunca leria uma resenha de álbum e diria, ‘eu não vou ouvir isso agora’”, disse Sheeran em entrevista para a revista *Rolling Stone* estadunidense⁵ (2023). Apesar de ser perceptível um certo sentimento de contrariedade do músico com os críticos, já que talvez esse seja o último grupo social que ele não tenha conquistado⁶, Sheeran traz uma interessante problematização em torno da crítica musical ultramoderna.

Um dos grandes detratores das escolhas musicais de Ed Sheeran é o estadunidense Anthony Fantano, que pode ser considerado o principal crítico musical da atualidade em termos de popularidade. Fantano criou em 2009 o canal *The Needle Drop*, hospedado na plataforma de vídeos Youtube, e que hoje⁷ soma 2,77 milhões de inscritos e 953 milhões de visualizações, números que comprovam que existe demanda na sociedade pela crítica musical. Apesar de contar com uma abordagem que pode ser considerada mais superficial e com atenção reduzida a aspectos técnicos, um diferencial, entretanto, se faz imperativo por ser um resultado da chegada do século XXI e o acesso ampliado à Internet: as críticas de Fantano são todas feitas em um formato de *vídeo-resenha* (embora ocasionalmente sejam adaptadas para o texto em seu site pessoal).

Janotti Jr. e Nogueira (2010) abordam no texto “Um museu de grandes novidades” como funcionam estas novas lógicas da crítica musical em tempos de internet. Segundo eles, a atividade segue passando por mudanças e não responde mais diretamente à relação entre crítica e consumo de produtos fonográficos antes tradicionais.

O que no primeiro momento pode parecer banal, acaba por criar a necessidade de repensar o próprio papel da crítica musical, já que esse cenário mostra que o

⁵ Disponível em <https://www.rollingstone.com/music/music-features/ed-sheeran-new-album-subtract-tour-cover-story-interview-1234694319/>. Acesso em 1º de agosto de 2023.

⁶ No site agregador de críticas Album of The Year, Ed Sheeran tem uma média geral de aprovação considerada mediana. A média aritmética de todas as notas recebidas pelos seus álbuns é 61 numa escala de 0 a 100. Verificado em 2 de agosto de 2023.

⁷ Verificado em 31 de julho de 2023.

jornalismo musical, apesar de ainda ser agendado na maior parte do tempo pelo lançamento dos álbuns, não responde mais de modo direto à equação entre crítica e consumo dos tradicionais produtos da indústria fonográfica, como DVDs e CDs, e sim, ao consumo de formatos culturais como a canção e o álbum. Esse fato desarticulava parte do papel tradicional da crítica como intermediador cultural entre as esferas da produção e do consumo dos suportes de armazenamento da música, reconfigurando, em parte, os julgamentos de valor da música como expressão cultural. Existe, portanto, um consumo da própria crítica como produto, não tanto para orientar o que deve ou não ser ouvido, mas para promover um pós-consumo de produtos culturais. Um complemento a experiência de ouvir, valorizando tanto o produto, como também a opinião que é dada sobre ele. (JANOTTI JR; NOGUEIRA, 2010)

Anthony Fantano não tem formação acadêmica em jornalismo, mas é graduado em artes liberais na Southern Connecticut State University e já trabalhou como diretor musical na *Connecticut Public Radio*. O *youtuber* já defendeu algumas vezes que baseia suas opiniões levando em consideração apenas o seu gosto, rejeitando algum tipo de abordagem técnica ou formal que vá além do que considera necessário. No vídeo *Why Music Theory Doesn't Come up Much in My Reviews*⁸, ele explica o porquê de não entrar de forma mais contundente em questões teóricas levando em conta sua vivência através do “senso de comunidade” que existe entre os fãs de música:

Vi muitas discussões online e também pessoas que me perguntam pessoalmente através de e-mails (e repetidamente) sobre o porquê de eu não falar sobre teoria musical nas minhas resenhas. Sou alguém com uma base de conhecimento em teoria musical por ser um músico e uma pessoa que teve aulas de música por muito tempo. (...) Tem músicas e álbuns que eu resenho e que realmente têm alguns elementos teóricos integrados e que são certamente importantes de se discutir, mas mesmo nesses eu acredito que não estou gostando pois há algum tipo de ângulo com teoria musical interessante nestas faixas, mas pelas funções que estes ângulos teóricos servem. (FANTANO, 2018, tradução nossa)

Vitor Hugo Abranche de Oliveira complementa a ideia e defende no artigo "Para uma iniciação à crítica musical histórica" (2013) que esta atividade pode ir

⁸ Disponível em <<https://youtu.be/LnLVAYtq4pk>>. Acesso em 31 de julho de 2023.

além dos aspectos puramente musicais, ao contextualizar a obra em uma narrativa histórica mais ampla.

Apesar desse caminho de concretização das críticas, não será dito aqui que a posição do crítico é central (entre a música e o ouvinte), pois a centralidade deve sempre caber à obra de arte e ao artista; tão pouco a posição do crítico é opostamente periférica ou parasitária. Seu lugar de fala é estrategicamente complementar tanto à obra quanto ao público, somando a esses um terceiro elemento, não necessariamente de ligação, mas de integração do quadro interpretativo, uma mediação não impositiva, mas construtiva; e seu movimento não é retilíneo, mas em forma de espiral, que avança e retorna, se afasta e se aproxima da música e do público conforme a conveniência de sua crítica lhe sugere. (OLIVEIRA, V; 2013, p. 6)

2.2.2 Reiterando princípios da crítica como jornalismo

Ao argumentar sobre os gêneros jornalísticos, Francisco de Assis (2010) afirma que o opinativo é um dos dois grandes estilos (o outro sendo o informativo) que fomenta a atividade desde o seu início, sendo a ligação entre opinião e jornalismo de origem no século XVIII em meio a processos revolucionários nos Estados Unidos e na França. Além disso, o “monolitismo opinativo” (Mello, 2003, *apud* Assis, 2020) encontrado nos primeiros jornais também estimulava o exercício da opinião como recurso jornalístico, já que eles eram “obras de uma pessoa só”, como em nosso país com o *Correio Braziliense*, de Hipólito José da Costa.

Quando entendemos que a crítica musical faz parte do jornalismo, podemos refletir (e até revisar conceitos já abordados neste trabalho), sobre seus objetivos usando estudos que abordam o ofício de forma ampla. Para mostrar como os deveres jornalísticos se complementam independentemente da atividade a ser exercida dentro dele, podemos utilizar as considerações encontradas na tese de doutorado da professora e pesquisadora Gisele Dotto Reginato intitulada “As finalidades do jornalismo” (2016). No trabalho, a autora fez uma análise nos discursos produzidos pelos atores que formam o contrato de comunicação jornalístico (veículos, jornalistas e leitores) em três dos maiores jornais do país (Folha de S.Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo). A partir dos resultados, Reginato criou uma proposta com 12 objetivos que o jornalismo deve cumprir:

O jornalismo deve servir para: a) informar de modo qualificado; b) investigar; c) verificar a veracidade das informações; d) interpretar e analisar a realidade; e) fazer a mediação entre os fatos e o leitor; f) selecionar o que é relevante; g) registrar a história e construir memória; h) ajudar a entender o mundo contemporâneo; i) integrar e mobilizar as pessoas; j) defender o cidadão; k) fiscalizar o poder e fortalecer a democracia; l) esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade. (REGINATO, 2016, p. 214)

Com base nestas 12 recomendações e em suas descrições explicadas por Reginato ao longo da tese, é possível estabelecer de forma mais clara como um jornalista de cultura pode balizar o seu trabalho como crítico musical.

Quadro 1 - As 12 finalidades do jornalismo e a crítica musical

Finalidades do jornalismo (Reginato, 2016)	Exemplos na prática como crítico musical
Informar de modo qualificado	Fornecer para o público consumidor da crítica informações relevantes, contextualizadas e bem redigidas.
Investigar	Investigar fatos acerca do objeto cultural analisado de forma competente, “trazer o que não está visível”.
Verificar a veracidade das informações	Nas palavras da autora, “apurar todos os dados e checar as informações para entregá-las ao público com correção e precisão”. A “lógica do banco de dados” ⁹ (Janotti Jr.; Nogueira, 2010) amplia esse dever.
Interpretar e analisar a realidade	Princípio fundamental para as críticas, pois consiste em estabelecer relações entre passado e futuro
Fazer a mediação entre os fatos e o leitor	Levando em conta o público alvo, consiste em adaptar o discurso para a linguagem que for mais acessível.

⁹ A lógica de “banco de dados” que começa nos sites de conteúdo, como o Wikipedia e as redes sociais como Orkut, e depois se difunde por outros endereços que juntam essas características traz um fato então inédito na cultura auditiva. Não se escuta mais música sem saber todos os detalhes referentes ao artista que a está executando. (JANOTTI JR, NOGUEIRA; 2010)

Selecionar o que é relevante	Filtrar, levando em conta o estilo do veículo, para que se promovam objetos culturais que impactem a vida pública e privada das pessoas. Em suma, a posição de <i>gatekeeper</i> . (JANOTTI JR; NOGUEIRA, 2010)
Registrar a história e construir memória	Outro princípio fundamental da crítica, pois ela ajuda a documentar produções e a entendermos o panorama cultural de diferentes épocas.
Ajudar a entender o mundo contemporâneo	Reginato explica este item dizendo que o jornalismo ajuda a “orientar o leitor sobre como viver no mundo contemporâneo e como dar sentido ao tempo presente”. Sendo assim, podemos adaptar a ideia dizendo que a crítica deve auxiliar o leitor a entender como consumir produtos culturais nos tempos atuais.
Integrar e mobilizar as pessoas	No texto de Reginato, toma um sentido de promoção do dever cívico das pessoas. Com o jornalismo cultural, nós podemos interpretar o conceito como um convite para que a sociedade seja mais participativa nos processos que envolvem a indústria cultural.
Defender o cidadão	Assim como se denuncia um problema de mobilidade urbana, o jornalismo cultural pode defender os interesses do público quando houver necessidade. Por exemplo, ao descrever em uma crítica um festival que terminou de forma desastrosa ou infringiu direitos humanos e trabalhistas.
Fiscalizar o poder e fortalecer a democracia	Adaptando o que entendemos por poder na indústria cultural, o crítico não pode ser um bajulador de gravadoras, artistas, emissoras, governos, etc. Cabe a nós, também, o papel de fortalecimento do direito a opinar dentro dos limites da lei.
Esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade	Mostrar para as pessoas as inúmeras possibilidades de criação de arte, com todas as suas nuances, mas também

	dificuldades. Apresentá-la como um espaço para todos.
--	---

3 JORNALISMO MUSICAL BRASILEIRO, CRÍTICA NACIONAL E O PORTAL G1

Propondo um recorte dentro do jornalismo cultural brasileiro, este capítulo busca traçar um breve panorama histórico sobre a produção acerca de música no Brasil (com um enfoque, também, na crítica musical nacional). É importante lembrar que, como relatado no capítulo anterior, jornalismo cultural e crítica são fenômenos com desenvolvimentos históricos muito interligados e praticamente indissociáveis, mas preferimos dividi-los neste capítulo para uma melhor compreensão. Após trazermos esta perspectiva cronológica, iremos apresentar e inserir o objeto de estudo desta monografia (o Portal G1) explicando seu papel no jornalismo digital do início do século 21, com destaque para a produção acerca do que entendemos por cultura na editoria “Pop & Arte”.

3.1 Breve histórico do jornalismo musical no Brasil

Como seria impreciso dizer quando a música entrou de fato na imprensa brasileira, Volkmann e Menezes (2015) destacam os anos 1940 como um ponto de partida para o que chamamos de jornalismo musical em nosso país e estabelecem uma linha do tempo calcada nessas produções, que reproduziremos brevemente nos próximos parágrafos. O trabalho acerca das destas produções artísticas foi inicialmente fomentado pelas revistas, sendo a *Revista do Rádio* (1948 a 1970), de Anselmo Domingos, uma das primeiras.

De acordo com Fernandes e Dias (2021), a *Revista do Rádio* foi “precursora das revistas atuais de entretenimento, apresentando traços de uma cultura intitulada como espetacular¹⁰ no mundo contemporâneo”. A revista servia como uma janela de exposição da vida profissional dos artistas, ao mesmo tempo em que explorava sua intimidade, cativando os leitores com o *glamour* dos famosos. As autoras citam como exemplo a intensa veiculação dos problemas conjugais entre Herivelto Martins e a cantora Dalva de Oliveira, mas também outras situações, como a ida de Maysa Matarazzo ao hospital:

¹⁰ O artigo citado trata da espetacularização da vida dos famosos retratados na Revista do Rádio. Para definir o que seria esta espetacularização, as autoras citam no texto o francês Guy Debord. Segundo Debord, “o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana como simples aparência” (DEBORD, 1997 ,p. 14 apud FERNANDES, DIAS; 2021).

A partir da década de 1950, os editores buscaram formular matérias que sugeririam disputas, romances ou separações entre artistas, com tom de fofoca, além de divulgarem tragédias como acidentes, doenças e mortes, envolvendo as celebridades com viés espetacular. Assim, a revista apresentou a matéria "Eu não quero me suicidar", na edição nº 68. No texto, a vida íntima da cantora Maysa Matarazzo foi retratada de forma sensacionalista para atrair a atenção do leitor da época. (FERNANDES, DIAS; 2021)

Ainda de acordo com Volkman e Menezes (2015), a *Revista da Música Popular (RMP, 1954 - 1956)* surgiu seguindo o embalo do sucesso da *Revista da Rádio*, mas firmada em uma proposta antagonista. A visão editorial era tomada por uma ideia de “crise musical brasileira”¹¹ nos anos 50 e contou com a colaboração direta e indireta de grandes intelectuais da época, como Mário de Andrade (ainda que de forma póstuma). Com apenas 14 edições, a RMP teve uma vida curta por conta da falta de recursos para sustentar a sua produção (WASSERMAN, 2002).

A identidade do leitor da Revista da Música Popular era fixada pelos próprios editores: “pretendemos fazer dessa Revista o guia de uma imensa legião de fãs, de interessados, de colecionadores de discos...”. Tratava-se de um público apreciador da “velha música”, colecionadores, estudiosos sobre o assunto que negavam o presente musical por este ter se desvirtuado da “pureza” (na expressão dos editores) conquistada com Ismael Silva, Wilson Batista, Noel Rosa, Aracy de Almeida. O projeto que criou a Revista da Música Popular tinha uma clara intenção: diante da crise musical dos anos 50, tornava-se necessário recuperar o passado e trazer à tona o elemento puro e original da música brasileira – o samba. Por isso mesmo, o tema constante, gerador e não explícito era o resgate da pureza na música brasileira. (WASSERMAN, 2002, p. 13-14)

De acordo com Cida Golin e Everton Cardoso (2010), no cenário das décadas de 1950 e 1960 também ocorreu uma proliferação de suplementos literários e culturais nos principais jornais brasileiros. Estas produções, como o Suplemento Literário do jornal O Estado de S. Paulo (1956), foram influenciados por mudanças

¹¹ Wasserman (2002) afirma que esta crise “se explica pelo crescimento da indústria fonográfica no período e pela multiplicidade de ritmos que tomava conta das rádios”. O samba deixava de ser hegemônico (e isto era visto como um problema) “e dividia com rumbas, jazz, boleros, fox e marchas de Carnaval, as paradas de sucesso das maiores emissoras de rádio do país” (WASSERMAN, 2002, p.15)

na linguagem jornalística da época, como a introdução do lide e a separação entre notícia e comentário (GOLIN, CARDOSO. p.189).

Na década de 70, se destaca o surgimento da revista *Rolling Stone Brasil* com seu pioneirismo na segmentação para o público jovem nacional (Volkman, Menezes; 2015). Segundo Barros (2015), a versão brasileira da revista foi lançada por Luiz Carlos Maciel em fevereiro de 1972, mantendo o mesmo título da edição americana, e com tiragem inicialmente mensal, mas que em seguida se tornou semanal. Seu objetivo era não apenas divulgar informações sobre os principais ícones da música pop internacional e nacional, mas também abordar temas como literatura, cinema, filosofia, comportamento, sexualidade, e drogas, entre outros assuntos que estavam em destaque na época. A revista também contava com um destaque muito forte em torno do rock e da contracultura.

A *Rolling Stone* foi encerrada em 1973 por problemas financeiros, fato que a faz hoje ser considerada uma “revista pirata”¹² por conta da falha no pagamento dos royalties para a matriz estadunidense. Uma segunda versão seria lançada pela editora Spring em 2006 tendo o fim de suas edições impressas em 2018, quando o veículo passou a funcionar apenas como um portal de notícias online.

Apesar da vida curta, a primeira *Rolling Stone Brasil* teve um papel importante no jornalismo musical brasileiro (sobretudo em um contexto de ditadura militar), como cita a autora Patrícia Marcondes de Barros:

A revista *Rolling Stone* se aventurou subjetivamente nas novas experiências da contracultura, com a influência do New Journalism e de experiências artísticas nacionais, principalmente do Tropicalismo, resultando em novas formas e conteúdos que se abriam além da concepção de jornalismo rocker. Não foi um grande negócio como sua matriz norte-americana, se constituindo, no Brasil, em uma experiência contracultural de público restrito, mediante a desinformação e preconceito em relação à publicação. Atualmente, podemos verificar o legado deste tipo de imprensa à margem da oficial no mundo virtual com inúmeros blogs, sites e redes sociais que se dedicam a dar visibilidade a assuntos não discutidos pela mídia oficial, manipulada e restrita a fins comerciais e politiqueros. (BARROS, 2015, p. 10)

¹² Revista Noize. *Todas edições da Rolling Stone brasileira dos anos 70 estão disponíveis online de graça*. Disponível em <https://noize.com.br/todas-edicoes-da-rolling-stone-brasileira-dos-anos-70-estao-disponiveis-online-de-graca-projeto-pedra-rolante-cristiano-grimaldi/#1>. Acesso em 14 de agosto de 2023.

Indo na contramão da Rolling Stone brasileira, a revista Pop (ou também conhecida como “Geração Pop”) viria para tomar conta do público jovem com diferenciais importantes: o fato de ser inteiramente nacional e a segurança de estar lastreada nos aportes financeiros da Editora Abril (Oliveira, C; 2011). Contudo, isto não foi o suficiente para que a revista tivesse vida longa, nascendo em 1972 e sendo encerrada em 1979.

A revista, pelo que indica a declaração da editora, vendia pelo menos 100 mil exemplares mensais, uma tiragem bastante expressiva para a época. Mas teve vida curta em relação às demais publicações da Abril [...]. Apesar de breve, Pop foi importante por ser a precursora de todo o gênero de publicações para jovens que apareceram depois, como se tivesse sido dividida em várias partes. [...] Trazia um pouco de comportamento, moda, lazer, artes, esportes, roteiros de viagem e surfe. Porém, o principal elemento de ligação com seu público era a música pop. (Mira, 2003 apud Oliveira, C; 2011)

Na década de 1980, houve mudanças significativas no jornalismo cultural brasileiro, conforme contam Golin e Cardoso (2010). A expansão editorial levou à proliferação de cadernos especializados dentro dos jornais, consolidando o modelo dos "segundos cadernos", embora seja importante frisar que eles já existiam desde a década de 1950. Ainda segundo os autores, o design gráfico também passou por alterações, com uma valorização da imagem em composições “mais leves e ousadas” (2010, p. 192). No contexto de crescimento das indústrias culturais brasileiras, os jornais buscaram estratégias mercadológicas para atrair leitores, muitas vezes adotando lógicas publicitárias, como foi o caso da *Ilustrada*, da *Folha de S. Paulo*, refletindo um novo modelo editorial do final dos anos 1970 (Golin, Cardoso, 2010, p. 192).

Nos anos 1990, surgia a MTV Brasil, primeira emissora segmentada da televisão brasileira e que deixou marcas profundas na cultura popular nacional. Do xingamento de Caetano Veloso em pleno VMB¹³ às vinhetas bizarras (e os icônicos VJs¹⁴), era impossível passar incólume pela Music Television. De acordo com Felipe

¹³ “Bota essa porra pra funcionar direito” foi célebre frase dita por Caetano Veloso no VMB (Video Music Brasil; premiação anual da MTV) de 2004 por conta de problemas técnicos em sua performance. Matéria no Splash Uol disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/videos/2020/09/11/oi-sumido-reuniao-mtv-brasil-bota-essa-p-pra-funcionar-direito.htm>>. Acesso em 14 de agosto de 2023.

¹⁴ “VJ” era o apelido dado aos apresentadores da MTV. A sigla é inspirada nos DJs (Disc Jockeys), que por conta da temática do canal seriam os *Video Jockeys*.

Muanis (2014), a experiência da MTV Brasil desde 1990 e seu fim no último ano (2013) marcaram de modo “indelével a experimentação na história da televisão brasileira”, situando-a ao lado de emissoras fundamentais no país, como a Rede Tupi ou a Excelsior, por suas inúmeras inovações, mas especialmente por suscitar reflexões no campo teórico da televisão. No artigo *Sobre performance e historicidade: uma abordagem estética e cultural da MTV Brasil*, a autora Juliana Freire Gutmann também discorre sobre a importância da emissora.

Ao longo dos 27 anos de exibição no país, a MTV Brasil atuou não apenas como meio de difusão fonográfica, função diluída ao longo da sua história, mas como espaço de experiências que instituiu expectativas em relação ao consumo audiovisual e musical. Junto à capacidade de ser reconhecida enquanto “canal da juventude”, incorporou gostos e desejos do público, captou padrões de consumo, fazendo de suas materialidades membrana de acesso a dimensões da sensibilidade de uma determinada cultura. Ao forjar formas de desfrutar a música e o audiovisual em sintonia com os contextos televisivos e fonográficos brasileiros, fez do desenvolvimento tecnológico dispositivo da sua própria visualidade. Ainda que se reconheça a importância do canal no país, para o fomento da música popular massiva e da produção televisiva nacional, são poucas as referências acadêmicas voltadas para a análise de sua produção simbólica em uma perspectiva histórica. (Gutmann, 2015)

3.2 Breve panorama histórico da crítica musical no Brasil

Através da bibliografia analisada, podemos traçar três grandes fases da crítica musical no Brasil: a *era clássica*, a *era da música popular* e a *era da convergência midiática* (que também poderia ser chamada apenas de *era pós-moderna*). Agrupar estes diferentes momentos históricos tem apenas como objetivo simplificar o entendimento do desenvolvimento da crítica musical nacional, sem ter a pretensão de tratar estes períodos como massas muito homogêneas.

No artigo *Crítica Musical no Jornal: Uma Reflexão sobre a Cultura Brasileira (2005)*, a autora Liliana Bollos estabelece de forma bastante clara a diferença entre esta *era clássica* e a *era da música popular*, mudando o perfil do crítico musical nacional.

Diferentemente da crítica de música erudita, que produziu um jornalismo cultural de características literárias desde a primeira metade do século XX com expoentes

importantes da nossa cultura como os escritores Mário de Andrade, Murilo Mendes e Otto Maria Carpeaux, a crítica de música popular no Brasil teve início efetivamente com o advento da bossa nova, na segunda metade do século XX, alvo da primeira grande manifestação de crítica nos jornais brasileiros. Influenciado pela indústria cultural e pelo poder dos meios de comunicação (e mais tarde pela obrigatoriedade do diploma de jornalismo), esse formato de jornalismo impôs novos padrões à crítica musical, sendo o escritor substituído pelo “cronista”, pelo jornalista não-especialista, e irá explorar do texto um caráter mais ideológico e histórico e menos estético, deixando os aspectos musicais para segundo plano. (Bollos, 2005, p. 2-3)

Uma característica importante do crítico da *era da música popular* (sobretudo nos anos 1970) era a forte conexão que mantinha com os artistas e o cenário musical, que muitas vezes ultrapassava a relação tradicional de jornalista para artista (Noguchi, 2011). Nelson Motta, importante referência no jornalismo cultural até hoje, é uma prova de que é possível ocupar o espaço da criação e do julgamento ao mesmo tempo. Segundo reportagem de perfil realizada na *Revista Trip* (2020)¹⁵, Motta “criou canções de sucesso com Lulu Santos, Guilherme Arantes e Rita Lee, revelou a cantora Marisa Monte e produziu trabalhos de Daniela Mercury, Gal Costa e Tim Maia”. Noguchi (2011) também cita Sérgio Cabral, que era crítico, mas também amigo pessoal de grandes figuras da MPB.

A terceira fase da crítica, que aqui chamamos de *era da convergência midiática*, se baseia em um conceito do autor Henry Jenkins (2009), que aqui usaremos de forma ampla, englobando também os criadores e consumidores de música. A *era da convergência* é a do jornalismo multimídia e multiplataforma, que faz com que emissoras de televisão ou programas de rádio não sustentem um diálogo satisfatório com o público sem que haja também uma presença online. É preciso estar na Internet — e, de preferência, nas redes sociais, com boas estratégias. Para a crítica musical, então, novos horizontes e espaços foram abertos para que este tipo de produção seja feita (e que não obedece mais a lógica resenha-texto, podendo ser feita até por vídeo).

Entretanto, percebe-se que o público consegue participar de uma estrutura de

¹⁵ Disponível em <<https://revistatrip.uol.com.br/trip-fm/nelson-motta-paixao-generosidade-e-sorto>>. Acesso em 14 de agosto de 2023.

consumo musical que é, em parte, diferente da que é comum ao jornalismo tradicional quando se apropria dessas ferramentas. Blogs e sites mantidos por pessoas de outras áreas cada vez mais fogem do formato tradicional de resenhas para tratar de seleção e valoração de produtos a partir de critérios diferenciados. Portanto, é importante mapear e compreender quais são essas novas estruturas e como elas se relacionam com o jornalismo. (JANOTTI JR, NOGUEIRA; 2010)

No cenário brasileiro atualíssimo (2023, ano desta publicação), podemos citar diferentes críticos (ou veículos) notáveis que se destacam realizando a crítica musical. Aqui estão alguns exemplos:

- Jornais multimídia: *Folha de São Paulo, Estadão, Zero Hora*;
- Revistas multimídia: *Veja, Noize*;
- Portais: *G1, O Globo, Monkeybuzz, Tenho Mais Discos Que Amigos!, Música Instantânea (antigo Miojo Indie), Scream & Yell, Revista O Grito!*;
- Redes sociais: *A Clave do Fá (Tiktok), Anderson Vieira (Youtube), Régis Tadeu (Youtube), Alta Fidelidade (Youtube)*.

3.3 Objeto de estudo: G1 - A evolução do portal de notícias da Globo

Figurando hoje como um dos principais sites de notícias do Brasil, o portal G1¹⁶ foi criado em 18 de setembro de 2006 como uma aposta do Grupo Globo para entrar de “cabeça no jornalismo digital” (G1, 2022, documento eletrônico). Ainda que os diferentes veículos ligados ao Grupo Globo já tivessem páginas na internet, como os próprios telejornais, o G1 foi o primeiro projeto do conglomerado que contou com produção inteiramente nato digital e uma redação própria dedicada à cobertura noticiosa. Carlos Henrique Schroder, diretor da Central Globo de Jornalismo, foi responsável por capitanear a construção do projeto que foi desenvolvido no início do ano de sua fundação.

Carlos Henrique Schroder: Nós somos contadores de história, mas ter a tecnologia ao lado para favorecer o entendimento, a possibilidade de recursos, é fundamental porque essas duas formas aliadas vão conduzir a uma empresa melhor. A gente só não deve entender que a tecnologia está acima do conhecimento; é mediatech

¹⁶ Disponível em <<https://G1.globo.com/>>

e não o contrário. A tecnologia é um apoio, um auxílio; não é adversário, um competidor. Ela vem para agregar". (G1, 2022, documento eletrônico)

De acordo com a página do G1 no site Memória Globo¹⁷ (G1, 2022, documento eletrônico), Schroder deu a Álvaro Pereira Jr., jornalista que na época estava no *Fantástico*, a responsabilidade de montar a equipe e definir a orientação editorial do site. A seleção dos profissionais para compor a equipe inicial do G1 levou em consideração o equilíbrio entre a necessidade de desenvolver uma nova cultura digital e a preservação dos valores jornalísticos da Globo. Álvaro, como o primeiro diretor do G1, convidou Márcia Menezes, que era a editora-chefe do *Jornal da Dez* na *GloboNews*, e Renato Franzini, um jornalista com experiência online que havia trabalhado na *Folha de S. Paulo* e *Uol*. Eles foram escolhidos para atuar como editora-chefe e editor-executivo, respectivamente, e se juntaram a Álvaro no núcleo de tomada de decisões.

Figura 1 - Página de estreia do G1, o portal de notícias da Globo



Fonte: G1 / Memória Globo

A arquitetura virtual do G1 assemelhava-se à estrutura de um jornal impresso. Em sua primeira configuração, ele apresentava uma organização em seções temáticas, com a página inicial atuando como ponto central, comparável à primeira

¹⁷ Repositório digital do Grupo Globo. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/>>

página de um jornal (G1, 2022, documento eletrônico). Embora apresentasse uma natureza essencialmente noticiosa, o G1 incorporava características distintas, como uma variedade de colunistas, enfoque na cobertura de eventos culturais e a integração de vídeos.

A partir de sua página inicial, os visitantes do G1 tinham a opção de acessar os sites dos telejornais da Globo, das plataformas do Sistema Globo de Rádio e da Infoglobo, mas uma mudança mais ambiciosa seria implementada. Para aumentar a abrangência do G1 em termos geográficos, Carlos Henrique Schroder liderou uma nova estratégia: expandir o conteúdo do G1 aproveitando a estrutura das afiliadas da Globo. O plano incluía a criação de pequenas redações dedicadas ao jornalismo online em cada afiliada da Globo, trabalhando de forma integrada com o G1 e seguindo seus critérios editoriais. O lançamento do *G1 MG* em agosto de 2010 marcou o início do projeto-piloto, seguido pelo *G1 PR* em fevereiro de 2011. Ao longo do tempo, mais 50 afiliadas foram estabelecidas em todo o Brasil, incluindo uma redação na Globo do Recife em outubro de 2011 e a última afiliada, *G1 Petrolina*, em novembro de 2013.

3.3.1 *Editoria Pop & Arte*

A editoria Pop & Arte, responsável por agregar conteúdos de cunho cultural ou de entretenimento, foi criada em 2006 simultaneamente com o surgimento do *G1*. Diego Assis foi o primeiro editor, tarefa hoje exercida por Braulio Lorentz.

Fazendo uma descrição empírica do objeto a ser analisado dentro da enorme teia de conteúdos do portal G1, a página *Pop & Arte* apresenta um layout simples, que é característico dos sites atuais que buscam uma melhor experiência para o usuário de dispositivos móveis, que já este superou em número os acessos via desktop¹⁸. A página também conta com um estilo de “feed contínuo”, onde o visitante que chegar até o fim da página cai em um loop de notícias novas, apresentadas em ordem cronológica.

Figura 2 - Página principal da editoria Pop & Arte¹⁹

¹⁸ Segundo o Datafolha (2022), 88% dos brasileiros acessam a internet através de smartphone, sendo este o dispositivo preferido para esta tarefa. Disponível em </https://www1.folha.uol.com.br/tec/2022/07/smartphone-e-cada-vez-mais-dominante-no-acesso-a-internet.shtml>

¹⁹ Acesso em 14 ago 2022.

The screenshot shows the G1 website's 'POP & ARTE' section. At the top, there's a navigation bar with 'globo.com', 'g1', 'ge', 'gshow', 'globoplay', and 'o globo'. A red header contains the 'g1' logo, 'MENU', 'POP & ARTE', and a search bar labeled 'BUSCAR'. Below the header is a large banner for 'TIM BLACK com Apple One' and 'Tudo isso na rede líder em 5G', with a 'Saiba mais' button. The main content area features a video player for '10 HITS DE BRYAN ADAMS' (3 min) and an article titled 'Bryan Adams, o último romântico... Cantor ainda canta o amor, agora no musical 'Uma linda mulher''. The article text reads: 'Ao g1, ele repassa 40 anos dedicados ao soft rock romântico que vendeu mais 100 milhões de discos. Ele elege Taylor Swift como herdeira e explica sobre como os iPhones mataram o rock.' Below the article is a 'Programas semanais' section with 'Semana Pop' (VÍDEOS explicam temas do entretenimento) and 'G1 Ouviu'.

A editoria Pop & Arte também conta com algumas subseções que reiteram o conceito difuso e agregador de jornalismo cultural. São elas²⁰:

- Primeira página (uma espécie de homepage com todas as matérias);
- Cinema;
- Diversidade (matérias que falam de minorias sociais, como pessoas LGBTQIA+);
- Games (espaço para jogos);
- Música;
- The Town (notícias ligadas ao festival, que será realizado em São Paulo no início de setembro de 2023);
- TV e Séries;
- Circuito Sertanejo (uma espécie de subeditoria dentro da Música com enfoque em artistas do sertanejo).
- Oscar (premição mais importante do cinema mundial).

Para a análise de conteúdo do próximo capítulo, levaremos em consideração críticas musicais publicadas na subseção Música.

²⁰ Verificado no dia 14 de agosto de 2023.

4 ANÁLISE DAS CRÍTICAS DO G1

Após a apresentação nesta monografia do referencial teórico e os panoramas históricos que nos levam ao portal *G1* como veículo produtor de jornalismo cultural, podemos então examinar as críticas musicais publicadas nele. Seleccionamos 10 textos para integrar o *corpus* da nossa análise, que busca entender que elementos fazem com que estes textos possam ser considerados críticas e encontrar possíveis peculiaridades. Para isso, foi utilizado o método da Análise de Conteúdo (AC), de Laurence Bardin. Como complemento, também foi utilizado o estudo²¹ de Heloiza Golbspan Herscovitz que orienta como pesquisadores podem aplicar as ideias da AC quando o tema geral envolve o jornalismo. Na fase de categorização, optamos por utilizar o modelo proposto por Costa (2023), que realizou uma monografia com objetivos de pesquisa semelhantes.

4.1 Metodologia e delimitação do corpus

A abordagem metodológica proposta por Laurence Bardin (1977) para a análise de conteúdo é composta por três etapas sequenciais: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados e interpretação.

Na fase de pré-análise, ocorre a organização das ideias iniciais, a seleção dos documentos a serem estudados, a formulação de hipóteses e objetivos, bem como a definição de indicadores que fundamentarão a análise final. A exploração do material consiste na aplicação dos procedimentos de análise de acordo com o plano estabelecido, envolvendo tarefas como codificação, enumeração e organização, seja por meio de processos manuais ou com auxílio de computadores (Bardin, 1977).

Por fim, ainda segundo Bardin (1977), o tratamento dos resultados visa tornar os dados mais compreensíveis e confiáveis, recorrendo a técnicas estatísticas para apresentar os resultados de maneira resumida e visualmente ilustrativa. Tais resultados servem como base para inferências e interpretações alinhadas aos objetivos iniciais e podem até inspirar novas abordagens teóricas ou práticas de análise, formando um ciclo contínuo de investigação.

²¹ HERSCOVITZ, H. G. Análise de conteúdo em jornalismo. In: BENETTI, M.; LAGO, C. (org.); 2007.

Devido a restrições temporais e às limitações inerentes ao âmbito pessoal, seria inviável conduzir uma análise exaustiva de todas as avaliações veiculadas no portal *G1* desde sua inauguração em 2006. Neste momento, como pesquisador, foi necessário haver um apego ao pragmatismo, mas sobretudo à humildade e à honestidade, preceitos que aprendemos nas aulas de ética jornalística. Estes problemas são contornáveis com a Análise de Conteúdo, já que o método justamente busca encontrar maneiras efetivas para que a pesquisa seja desenvolvida.

A análise de conteúdo oferece inúmeras vantagens ao pesquisador desprovido de recursos financeiros se comparada a outros métodos como a enquete ou o experimento, cujos custos são elevados e envolvem aparatos mais complexos. A AC não requer uma equipe de trabalho, exceto um codificador extra, nem materiais especiais além de computador, lápis e papel. O importante é o acesso ao conteúdo a ser analisado, que não sofrerá a ação direta do pesquisador como, por exemplo, numa entrevista pessoal ou numa observação participativa. (HERSCOVITZ, 2007, p. 138)

Segundo Bardin (1977), a fase de pré-análise é um momento que pode seguir um roteiro programado, mas que também é caracterizado por uma mistura de início, meio e fim. Por conta disso, vamos começar falando sobre o primeiro tópico proposto pela autora: a “leitura flutuante”. Bardin (1977) coloca que “a primeira atividade consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações”. Desta forma, foi feita uma leitura flutuante em diversos textos da seção *Pop & Arte* do portal *G1* que pudessem ser configurados como crítica musical.

A segunda parte consiste em delimitar os documentos analisados para definir o *corpus*, isto é, as críticas a serem analisadas. Desta forma, inicialmente consideramos apenas produções textuais, descartando formatos como *podcasts* ou vídeos. Em seguida, Bardin (1977) apresenta algumas regras que precisam ser seguidas – ou em caso de “infração”, claramente explicitadas para quem lê.

Como o *corpus* escolhido consiste em 10 críticas, uma por ano, de lançamento mais recente, aqui vão algumas considerações sobre a escolha baseado nos preceitos da AC de Bardin e estas “infrações”:

- 1) Inicialmente a ideia era reunir uma crítica por ano desde 2006, ano de surgimento do *G1*. Entretanto, é na fase das primeiras pesquisas que as dificuldades começam a aparecer. Herscovitz (2007, p.123) alerta em seu artigo sobre análise de conteúdo no jornalismo: “como compatibilizar uma técnica estável utilizada regularmente desde o século XVIII, com um meio volátil como a *World Wide Web*, onde centenas de páginas aparecem e desaparecem a cada dia e o conteúdo de milhares de websites é atualizado constantemente?”. Este foi um problema que impossibilitou uma pesquisa satisfatória nos anos iniciais, pois mesmo com a ajuda de acervos digitais como o site Wayback Machine²², ainda encontrávamos muita dificuldade para navegar, esbarrando nos temas²³ antigos do site . Um empecilho adicional envolveu o próprio sistema do *G1*, que dificulta pesquisas cronológicas de qualquer tipo, misturando matérias de datas diferentes (ainda que o usuário peça para que os dados fiquem ordenados), sem contar o *misspelling* de nomes sugeridos (quando o motor de pesquisa sugere um termo parecido nos resultados, mas que nada tem a ver).
- 2) Portanto, a ideia original de *corpus mudou* e foi delimitada de forma a cobrir os anos mais recentes. Uma proposta pensada foi a de reunir críticas de até três anos atrás, mas foi descartada. O motivo: durante a leitura flutuante no *G1* foi detectado que o trabalho poderia ficar apenas focada nos textos de Mauro Ferreira se o espaço temporal do *corpus* fosse muito recente, já que o jornalista parece ter aglutinado as funções relacionadas à crítica musical no portal há alguns anos.
- 3) Assim, verificando as quatro regras (exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência) de Bardin na

²² Disponível em: </https://archive.org/web/>.

²³ Por tema entende-se a arquitetura que faz um site funcionar por certo tempo.

pré-análise, julgamos que definir o *corpus* com **10 textos**, sendo **um de cada ano entre 2014 e 2023**, como suficiente para atender à pergunta da nossa pesquisa. Para definir quais textos de cada ano seriam escolhidos, se colocou um princípio aleatório: **selecionar o primeiro de cada ano**, já que facilita a fase de exploração dos materiais e pode ser aplicado em todos os períodos, levando em consideração que 2023 é o único ano incompleto do *corpus*.

- 4) Por interesse pessoal e para acentuar a homogeneidade dos textos, selecionamos apenas os que falam de álbuns²⁴.

Embora se procure encontrar elementos que formam a crítica feita pelo G1 analisando textos que, de forma empírica, tenham parecido com o formato crítico, foi necessário impor certos limites baseados nas nossas bibliografias, como o texto *Um museu de grande novidades* (JANOTTI JR; NOGUEIRA, 2010) em que se valoriza a crítica como um objeto de pós-consumo que precisa ser opinativo. Portanto, textos com caráter meramente informativo, ainda que adjetivados, foram descartados. Como exemplo, podemos citar Mauro Ferreira (autor incluído no *corpus* cujo histórico discorreremos mais adiante), que observamos durante a leitura flutuante da pré-análise tomar um caminho ambíguo entre texto estritamente informativo e opinativo. Veja o trecho desta matéria²⁵ publicada em 23 de fevereiro de 2023 em que ele divulga o álbum “Ilá”, disco de estreia de Dan Ferreira, em que o momento mais próximo de uma opinião aparece apenas no trecho em que usa o adjetivo “bonita”.

É com o toque do berimbau que Dan Ferreira inicia o primeiro álbum, Ilá, em rotação desde 9 de fevereiro. Manuseado pelo próprio Dan, o instrumento situa o ator, cantor e compositor soteropolitano na Bahia natal, mas logo uma batida de rap embasa a afro-brasilidade dessa faixa inicial, Pra começar. (...) ‘Não compare a sua vida com o feed dos outros / Internet é só ansiedade’,

²⁴ Por álbum, se entende um conjunto de faixas de estúdio lançadas como um projeto só de forma virtual ou física. Um dos efeitos da cultura do streaming é a inexistência de fronteiras que separam o formato de álbum e o de outros, como o EP (*extended play*) ou o mini-álbum. Assim, para este trabalho vamos respeitar a ‘autodeclaração’ de cada artista em torno de seu projeto musical, mas também a forma como o jornalista entende o formato.

²⁵ Disponível em: <https://G1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2023/02/23/dan-ferreira-pede-be-ncaos-e-passagem-com-o-primeiro-album-ila-entre-rap-samba-e-ijexa.ghtml>.

alerta Dan em versos de Faz, outro rap de Ilá, álbum encerrado na **bonita** cadência do samba Bênção, levado pelo violão e o cavaco tocados por Marcus Homem. (FERREIRA, 2023, grifo nosso)

Dispostas as regras e motivações por trás da escolha do *corpus*, reunimos no Quadro 2 as dez críticas selecionadas em ordem cronológica crescente com as datas de publicação, os títulos e seus autores.

Quadro 2 - Críticas que formam o *corpus* da pesquisa

2014	30/04/2014	G1 ouviu: 2º CD póstumo de Michael Jackson é menos 'fake', mas é ruim	Braulio Lorentz
2015	24/01/2015	G1 ouviu: Inspirado em separação, álbum de Björk é 'Adele para indies'	Rodrigo Ortega
2016	11/01/2016	²⁶ 'Blackstar' tem David Bowie soturno; disco cita Bíblia e 'Laranja mecânica'	Rodrigo Ortega e Braulio Lorentz
2017	03/01/2017	Além do samba, álbum '+ Misturado' tem a cara e a leveza de Mart'nália	Mauro Ferreira
2018	07/01/2018	Álbum-manifesto da Tropicália faz 50 anos como retrato fiel da geleia geral brasileira	Mauro Ferreira
2019	07/01/2019	A explosão da mulher na música do Brasil em 1979 ecoa há 40 anos – A estreia de Marina Lima	Mauro Ferreira
2020	02/01/2020	Há 50 anos Tim Maia fez o Brasil dançar ao som do soul	Mauro Ferreira
2021	03/01/2021	Álbum de 1971 que consolidou reinado de Roberto Carlos faz 50 anos com relevância e atualidade	Mauro Ferreira
2022	03/01/2022	Segundo álbum londrino de Caetano Veloso, 'Transa' faz 50 anos como objeto de culto na obra do artista	Mauro Ferreira

²⁶ No lugar deste, dois textos publicados no G1 poderiam ser colocados pois se enquadram no que entenderíamos por cunho crítico. Entretanto, ambos foram descartados. Um deles vinha de uma agência de notícias, sendo apenas republicada pelo G1. A outra apresentou um texto híbrido de resenha entre o álbum "Blackstar" e um livro, sendo assim descartado por fugir das regras do nosso *corpus*.

2023	05/01/2023	Álbum perturbador que projetou Raul Seixas em 1973, 'Krig-ha, bandolo!' ainda é 'mosca na sopa' após 50 anos	Mauro Ferreira
------	------------	--	----------------

Fonte: o autor

4.2 Análise em categorias

Após a leitura e escolha dos textos que fazem parte do *corpus*, foram feitos resumos para procurar um melhor entendimento dos pontos principais de cada um. Feito isso, podemos realizar a análise dos documentos em categorias que utilizamos baseadas em Costa (2023), que realizou uma monografia com os mesmos objetivos desta pesquisa, mas tendo como objeto a *Revista Bula* entre os anos 2020 e 2022. No trabalho, a autora separa a análise em três grupos: “sobre quem fala”, “como fala” e “para quem fala”, mas neste iremos mudar os nomes das categorias, ainda que sejam semelhantes, e adicionar uma nova reservada aos autores dos textos.

Sendo assim, nossa análise fica dividida em quatro categorias:

- *Perfis do Autores*: Nesta categoria, iremos examinar o perfil do autor por trás das críticas musicais, considerando sua formação, experiência musical, afiliações profissionais e visão artística. Isso nos permitirá entender como a bagagem do autor influencia a abordagem e a profundidade da análise, contribuindo para a compreensão mais completa das críticas musicais apresentadas;
- *Temática Abordada*: Nesta categoria examinaremos os tópicos abordados em cada análise, explorando os assuntos tratados, artistas, grupos musicais e gêneros explorados, bem como os momentos históricos que (ou se) fundamentam a publicação;
- *Estilo*: Nesta categoria examinaremos a maneira pela qual o escritor estabelece conexões com o leitor, observando sua abordagem dos assuntos e a forma como ele expressa sua postura no texto;
- *Direcionamento de público*: Nessa quarta categoria focaremos na linguagem empregada pelos autores, questionando a quem se destina a crítica, e se a linguagem utilizada é acessível a leitores com diferentes níveis de conhecimento sobre o assunto.

E assim, da mesma forma que Costa (2023), chegaremos a uma resposta sobre a validade ou não dos textos de cunho analítico com temática musical presentes no corpus como crítica musical.

4.2.1 Perfil dos autores

O corpus da pesquisa reúne apenas três pessoas: Braulio Lorentz, Rodrigo Ortega e Mauro Ferreira, que responde por sete dos dez textos selecionados. Os três são jornalistas e não têm ligação com estudos ou produção musical. Os próximos parágrafos trazem uma breve biografia dos comunicadores focada em suas carreiras profissionais.

Braulio Lorentz é um jornalista graduado na Universidade Federal de Minas Gerais e pós-graduado em Jornalismo Digital pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente, Braulio ocupa o cargo de Editor da seção *Pop & Arte* do *G1*, onde está presente desde novembro de 2010. Nessa função ele desempenha um papel central na editoria de cultura do portal, sendo também responsável pelo podcast *G1 Ouviu*. Além disso, tem em sua carreira contribuições em programas da TV Globo e GloboNews trazendo suas perspectivas sobre a cultura pop. Braulio também tem passagens pela *Folha de S. Paulo*, pelo *Estado de Minas* e trabalhos como editor na versão brasileira da revista *Billboard*, e em outras, como a *Placar*, *OutraCoisa* e *Laboratório Pop*.

Rodrigo Ortega é um jornalista cultural com experiência de doze anos no setor. Atualmente assume o cargo de editor de Cultura no *Estadão*, local em que trabalha desde maio de 2023. Ao longo de sua carreira, Rodrigo desempenhou diversas funções, incluindo a editoria na revista *Billboard Brasil* e o papel de repórter de *Pop & Arte* no *G1* entre 2012 e 2023. Sua contribuição também abrangeu veículos como a *Folha de S. Paulo* (através do suplemento *Folhateen*), *O Estado de Minas* e a revista *Superinteressante*. Em seu perfil no *LinkedIn*, rede social voltada para negócios e relações profissionais, Rodrigo destaca uma de suas reportagens mais famosas: a ida ao estúdio do funkeiro MC Fioti para mostrar como ele “sampleou” uma flauta de Bach no hit "Bum bum tam tam", texto que acabou virando questão do ENEM 2021 sobre música e cultura.

Responsável por sete das dez críticas que fazem parte do *corpus*, o carioca Mauro Ferreira é um jornalista carioca que escreve sobre música desde 1987. Sua jornada profissional inclui passagens pelo jornal *O Globo*, pela extinta

revista *Bizz*, o jornal *O Dia* e até colaborações na *Rolling Stone Brasil*. Por uma década, ele manteve seu próprio website intitulado *Notas Musicais*. No entanto, atualmente, é no *G1* que ele se destaca, por meio do Blog do Mauro Ferreira, um espaço que faz parte da editoria de *Pop & Arte* do site. Nesse blog, ele apresenta um abrangente guia sobre o mercado fonográfico nacional, seja com notícias ou textos de cunho crítico.

Publicado em julho de 2018, o primeiro texto de Mauro no *G1* nos ajuda a entender um pouco mais do seu estilo de abordagem jornalística.

Dizem que o bom filho à casa torna. Estrear e atualizar diariamente um blog de música brasileira no *G1*, o portal de notícias da TV Globo, de certa forma representa uma volta ao começo para este jornalista já perto de completar 30 anos de carreira no ofício da crítica musical, trabalho tão apaixonante quanto controvertido. Afinal, foi no jornal *O Globo* que fiz meu nome na década de 1990 como jornalista especializado em música brasileira. Neste privilegiado espaço no *G1*, vou escrever diariamente sobre discos de artistas brasileiros com os princípios éticos que, acredito, devem nortear a escrita de todos que se aventuram pelo ofício da crítica. Ética que se baseia sobretudo na verdade da opinião emitida. Nenhum crítico é dono da verdade. Mas, ao proclamar a verdade dele numa resenha, deve fazê-lo com honestidade, em respeito aos leitores. A estes, deixo as boas-vindas e um convite para visitar diariamente este espaço em que encontrarão resenhas de CDs, DVDs, singles e shows, além de notas sobre discos em processo de produção ou ainda no plano das ideias dos artistas. (FERREIRA, 2018)

4.2.2 *Temáticas abordadas*

Nesta seção, primeiramente, teremos uma visão geral dos textos presentes no *corpus* destacando brevemente de quem os autores estão falando e o que se diz. Posteriormente, realizaremos uma avaliação praticamente quantitativa, em que rastreamos questões como: número de menções por artista, ano de lançamento dos álbuns falados, proporção de nacionalidades presentes, bem como os gêneros musicais foram mais frequentemente abordados e quantos textos apresentam referências temporais (seja o próprio lançamento do projeto ou alguma efeméride).

Intitulado “*G1 ouviu: 2º CD póstumo de Michael Jackson é menos 'fake', mas é ruim*” (2014), o primeiro texto do *corpus* foi escrito por Braulio Lorentz,

atual responsável pela editoria da categoria *Pop & Arte* no portal. Como é perceptível pelo título chamativo, o jornalista reconhece alguns avanços no álbum “Xscape”, segundo projeto póstumo do estadunidense Michael Jackson, como o fato dele soar menos “artificial” já que ele é feito a partir de *demos*²⁷ gravadas pelo cantor entre as décadas de 1980 e 2000, mas ainda é criticado por sua qualidade geral, sendo descrito como um trabalho ruim na discografia de Michael Jackson.

Ao contrário do anterior, o segundo texto (2015) do *corpus*, “*G1 ouviu: Inspirado em separação, álbum de Björk é 'Adele para indies'*”, adota tom mais positivo. O álbum analisado naquele ano pelo repórter Rodrigo Ortega foi o “Vulnicura”, projeto lançado pela islandesa Björk no mesmo ano. Ortega descreve o álbum como um retrato que “surpreende pelo teor confessional” ao tratar de sua separação com o artista Matthew Barney (ORTEGA, 2015). Um ponto interessante é a comparação traçada com a cantora britânica Adele, em que o repórter coloca o projeto como uma opção alternativa para aqueles que se identificam com ela e podem encontrar em “Vulnicura” um trabalho sobre desilusão amorosa em um estilo mais experimental.

Embalados pela ironia do casual, o terceiro texto (2016) reúne ao mesmo tempo Rodrigo Ortega e Braulio Lorentz, autores que juntos aparecem pela última vez no *corpus* da pesquisa. O objeto de análise é o álbum “Blackstar” de David Bowie, lançado três dias antes de sua morte, que segundo eles apresenta um tom “soturno” e referências à morte (ORTEGA, LORENTZ; 2016). O projeto é descrito como experimental, incorporando elementos de jazz e rap, enquanto evita o rock tradicional. Rodrigo e Braulio fazem questão de lembrar na crítica o contexto de Bowie, que lutava contra o câncer, mas também pequenos melindres, como as referências bíblicas até o filme “Laranja Mecânica” (1971).

A partir daqui, todos os textos do *corpus* são de autoria do jornalista Mauro Ferreira. O primeiro deles, “*Além do samba, álbum '+ Misturado' tem a cara e a leveza de Mart'nália*” (2017), trata do 11º trabalho da cantora que ainda estava por ser lançado alguns dias após a publicação, em 8 de janeiro do mesmo ano. Como diferença nítida entre os primeiros textos do *corpus*, Mauro produz uma

²⁷ De acordo com o site Infopédia, demo é uma “gravação realizada para demonstração de produto de áudio ou vídeo, ou programa de computador, com fins promocionais”. Disponível em <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/demo>>. Acesso em 18 de agosto de 2023.

escrita mais densa, com diversas referências históricas e sociais que parecem “analisar também a cantora em si”. O jornalista aponta que a miscigenação não está apenas presente no álbum em sua diversidade rítmica, mas também na colaboração de seis diferentes produtores musicais, cada um trazendo sua abordagem única. Uma característica importante de se frisar e que é recorrente nas produções de Mauro Ferreira, mas aparece uma única vez nos objetos de análise do nosso *corpus*: uma nota (ou como ele coloca, “cotação”). Recurso comum no jornalismo cultural, o uso de escalas numéricas ou símbolos serve como uma forma de resumir o valor simbólico que o crítico dá para um projeto (no caso do álbum de Mart’nalía, 4 de 5 estrelas, avaliação que pode ser considerada muito positiva).

Os seis textos seguintes do nosso *corpus*, de 2018 a 2023, falam de álbuns considerados clássicos na música brasileira e que fazem algum aniversário no ano em que foi lançada a análise, admitindo um tom quase de crônica histórica. Pela data de cada publicação, percebemos que para manter a frequência no site, estas resenhas provavelmente surgem como “pauta fria” ou de “gaveta”, que no jornalismo do dia-a-dia é um recurso muito utilizado para manter a periodicidade de um site (no caso de Mauro, que se propõe a publicar matérias todos os dias).

O primeiro texto desta série (2018), intitulado “*Álbum-manifesto da Tropicália faz 50 anos como retrato fiel da geleia geral brasileira*”, faz um apanhado mais curto em relação ao anterior sobre Mart’nalía, mas também os seguintes. Mauro Ferreira exalta o álbum “Tropicália ou Panis et Circensis” (1868) em seu 50º aniversário como um retrato marcante do momento turbulento em nosso país, sobretudo pela inovação estética e desrespeito a qualquer tipo de fronteira musical. Ainda mais figuras históricas da música são citadas, até pela característica do álbum de ser quase uma coletânea, reunindo nomes como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Os Mutantes, Tom Zé e outros.

O segundo texto (2019) da série, “*A explosão da mulher na música do Brasil em 1979 ecoa há 40 anos – A estreia de Marina Lima*”, se aproxima ainda mais da crônica ao abordar inicialmente sobre as mulheres ganhando espaço na música nacional. Na metade do texto, Mauro avisa ao leitor que este texto faz parte de uma sucessão de matérias que serão feitos sobre este marco histórico, em que segundo ele, “Angela Ro Ro, Fátima Guedes e Marina Lima – entre

outras cantoras que já se apresentaram como compositoras – provocaram uma revolução em que as armas foram a sensualidade e a sensibilidade feminina expostas em forma de música e letra” (Ferreira, 2019). A seguir, ele conta como o álbum “Simples como fogo” (1979) simboliza essa mudança e apresenta pistas da modernidade e liberdade que ainda definem sua carreira.

No ano seguinte (2020), Mauro Ferreira publica o texto *“Há 50 anos Tim Maia fez o Brasil dançar ao som do soul”*, enaltecendo o artista que naquele ano (1970) lançava seu primeiro álbum, de título homônimo, após o sucesso da música “Primavera”. Mauro coloca o projeto como fundamental para a solidificação de Tim Maia como uma figura lendária na música brasileira, pois mesclava soul e funk importados dos Estados Unidos, mas com a cara do Brasil.

No texto seguinte do corpus (2021), *“Álbum de 1971 que consolidou reinado de Roberto Carlos faz 50 anos com relevância e atualidade”*, Mauro discute sobre o álbum homônimo de Roberto Carlos. Ele enfatiza a transição do cantor brasileiro Roberto Carlos da fase juvenil para o universo romântico adulto a partir deste projeto, que consolidou essa transformação. O crítico destaca a relevância duradoura do disco, tanto pelo repertório julgado por ele como impecável quanto pela produção musical, e ressalta a assinatura romântica do artista, exemplificada por canções como “Detalhes”. Um ponto interessante é a defesa do jornalista em torno das lendas que cercam Roberto Carlos e uma suposta subserviência ao regime ditatorial que vigorava no Brasil, dizendo que existem indiretas políticas e outras referências, como na canção “Debaixo dos caracóis de seus cabelos”.

Intitulado *“Segundo álbum londrino de Caetano Veloso, 'Transa' faz 50 anos como objeto de culto na obra do artista”*, o penúltimo texto (2022) do corpus trata do folclórico projeto do cantor baiano lançado durante o seu exílio forçado em Londres durante a ditadura militar. Neste texto, Mauro aproveita ainda mais a riqueza proporcionada do projeto e as suas histórias, lembrando dos problemas que a embalagem (capa tripla criativa) tinha e como irritou Caetano o fato da ficha técnica ter sumido da edição. Apesar da aclamação, o autor alerta que “o disco impacta mais pelo conjunto da obra do que pelas músicas em si” (FERREIRA, 2022).

No último texto analisado no corpus (2023), *“Álbum perturbador que projetou Raul Seixas em 1973, 'Krig-ha, bandolo!' ainda é 'mosca na sopa' após*

50 anos”, Mauro Ferreira fala sobre como o álbum ajudou a projetar o nome do artista na música brasileira. O título da análise faz referência a um dos seus maiores clássicos, “Mosca Na Sopa”, uma das faixas que tratam do descontentamento de Raul Seixas com a sociedade e o materialismo. Por fim, Mauro afirma que, mesmo após meio século, 'Krig-ha, bândolo!' “ainda perturba o status quo como o zumbido de mosca no ouvido” (FERREIRA, 2023) .

Quadro 3 - Artistas ou bandas citados e gêneros musicais

Título do texto	Autor	Artistas mencionados	Gêneros mencionados
G1 ouviu: 2º CD póstumo de Michael Jackson é menos 'fake', mas é ruim	Braulio Lorentz	Michael Jackson , Paul Anka, Elton John, Smokey Robinson, Timbaland, Madonna, Justin Timberlake, Nelly Furtado, Black Eyed Peas	pop, r&b, eletrônico
G1 ouviu: Inspirado em separação, álbum de Björk é 'Adele para indies'	Rodrigo Ortega	Björk , Adele, Matthew Barney, Arca, Kanye West, FKA Twigs, Antony Hegarty	indie
'Blackstar' tem David Bowie soturno; disco cita Bíblia e 'Laranja mecânica'	Rodrigo Ortega e Braulio Lorentz	David Bowie , Tony Visconti, Donny McCaslin, John Ford, Milton Nascimento, Ronaldo Bastos, James Murphy, LCD Soundsytem, Arcade Fire, Kendrick Lamar,	jazz eletroacústico, rock, rap
Além do samba, álbum '+ Misturado' tem a cara e a leveza de Mart'nália	Mauro Ferreira	Mart'nália , Arthur Maia, Claudio Jorge, Dadi, Humberto Mirabelli, Ivan Machado, Zé Ricardo, Marcia Alvarez, Djavan, Martinho da Vila, Celso Fonseca, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Teresa Cristina, Mosquito, Dadi, Rodrigo Lampreia, Beto Landau, Maurício Pessoa, Zé Katimba, André da Mata, Zélia Duncan, Ronaldo Barcellos, Geraldo Azevedo, José Carlos	pop, samba, tecnopop, bossa nova

		Capinam, Kiko Horta, Lupicínio Rodrigues, Jessé Sadoc	
Álbum-manifesto da Tropicália faz 50 anos como retrato fiel da geieia geral brasileira	Mauro Ferreira	Caetano Veloso, Gilberto Gil, Olivier Perroy, Gal Costa, Os Mutantes, Arnaldo Baptista, Rita Lee, Sérgio Dias, Tom Zé, Rogério Duprat, Nara Leão, Anitta, Pablo Vittar, Vicente Celestino, Augusto Algueró, Georges Moreu, Braguinha, Emilinha Borba, Torquato Neto,	tropicália, bossa nova, mpb, pop, iê-iê-iê
A explosão da mulher na música do Brasil em 1979 ecoa há 40 anos – A estreia de Marina Lima	Mauro Ferreira	Marina Lima, Chiquinha Gonzaga, Ivone Lara, Dolores Duran, Maysa, Joyce Moreno, Os Mutantes, Rita Lee, Angela Ro Ro, Fátima Guedes, Maria Bethânia, Antonio Cicero, Duda Machado, Gal Costa, Gastão Lamounier, Marco Mazzola, Antonio Guerrero, Sérgio Dias	samba, rock, MPB
Há 50 anos Tim Maia fez o Brasil dançar ao som do soul	Mauro Ferreira	Tim Maia, Roberto Carlos, Cassiano e Silvio Roachel, João do Vale, Luiz Wanderley, Raul Seixas	soul, funk, baião
Álbum de 1971 que consolidou reinado de Roberto Carlos faz 50 anos com relevância e atualidade	Mauro Ferreira	Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Caetano Veloso, Jimmy Wisner, Evandro Ribeiro, Nando Reis, Getúlio Cortês, Renato Barros, Maurício Duboc, Carlos Colla, Fred Jorge, Claudete Soares	Jovem Guarda, soul, rock, r&b,
Segundo álbum londrino de Caetano Veloso, 'Transa' faz 50 anos como objeto de culto na obra do artista	Mauro Ferreira	Caetano Veloso, Ralph Mace, Jards Macalé, Álvaro Guimarães, Áureo de Souza, Moacyr Albuquerque, Tutty Moreno, Angela Ro Ro, The Beatles, Dorival Caymmi, Biden Powell, Vinicius de Moraes, Carlos Lyra, Gilberto Gil, Monsueto Menezes, Arnaldo	pop, rock, reggae, MPB, afro-samba, samba, bossa nova,

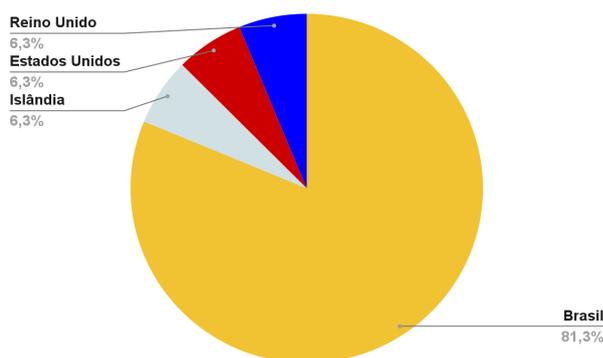
		Passos, Marlene, Steve Hookie	
Álbum perturbador que projetou Raul Seixas em 1973, 'Krig-ha, bandolo!' ainda é 'mosca na sopa' após 50 anos	Mauro Ferreira	Raul Seixas , Elvis Presley, Little Richard, The Panthers, Marco Mazzola, Edy Star, Miriam Batucada, Sérgio Sampaio, Roy Brown, Elvis Presley, Alex Malheiros, Paulo César Barros, Jay Vaquer, Paulo Braga, José Roberto Bertrami, Miguel Cidras, Mamão, Bill French, Pedrinho Batera, Claudio Fortuna	rock, balada, country rock

Fonte: o autor

No total, foram mencionados 123 artistas ou bandas distintas (contando 'duplicados', como cantores que seguiram carreira solo após sair de uma banda, entre outros). Nove nomes figuram entre os campeões de menções, com duas citações para cada nos textos analisados. São eles: Angela Ro Ro, Caetano Veloso, Elvis Presley, Gal Costa, Gilberto Gil, Os Mutantes, Raul Seixas, Rita Lee e Sérgio Dias. Elvis é o único estrangeiro nesta lista, sendo o resto tomado pelos artistas brasileiros. Este é um prognóstico previsível levando em consideração que boa parte dos textos, sobretudo de Mauro Ferreira, foram quase crônicas de exaltação histórica a grandes artistas da música popular brasileira. Como é possível ver no Gráfico 1 (abaixo), a dominação nacional é grande entre os artistas principais²⁸ pautados no *corpus*, e por conseguinte, a presença da língua portuguesa.

Gráfico 1 - Nacionalidade dos artistas e bandas principais citados

²⁸ Grifados em negrito no Quadro 3, separamos os 'artistas principais' de cada publicação (ou seja, os focos de cada texto). São os artistas e intérpretes principais de cada álbum analisado.



Fonte: o autor

Fizemos também um balanço do número de gêneros musicais, ainda que seja preciso alertar que este é um conceito muito disputado e amplo. Para figurar na lista, basta ter o nome do estilo mencionado em qualquer contexto. Sendo assim, percebemos a presença de 22 gêneros e subgêneros musicais. Pop e rock foram os estilos musicais mais lembrados, com seis menções. Podemos atribuir isto ao fato de que são dois termos “guarda-chuva” de uma série de subgêneros extremamente estabelecidos na indústria cultural e no senso popular. Confira o quadro 4:

Quadro 4 - Gêneros musicais lembrados

Número de aparições	Gêneros musicais
6	Pop, Rock
5	MPB (Música Popular Brasileira)
4	Samba, Bossa Nova
3	R&B (Rhythm and Blues)
2	Soul
1	Eletrônico, Indie, Jazz Eletroacústico, Rap, Tecnopop, Tropicália, Iê-iê-iê, Afro-samba, Reggae, Baião, Funk, Jovem Guarda, Balada, Country Rock

Fonte: o autor

Costa (2023) em seu modelo também fez uma contagem dos ganchos temporais presentes nos textos analisados em sua pesquisa, citando o autor Nelson Traquina para enfatizar que é comum no jornalismo o uso de eventos atuais, aniversários ou fechamentos de datas redondas como valor-notícia.

Podemos perceber o mesmo nos textos do nosso *corpus*, sobretudo os escritos por Mauro Ferreira. De seus sete textos, seis tratam do aniversário de álbuns, mas como já lembrado durante o trabalho, podemos atribuir isto ao período de lançamento destas matérias, com as redações ainda em ritmo de festas de fim de ano e noticiários vazios. Por fim, as matérias de Rodrigo Ortega e Braulio Lorentz não apresentam ganchos temporais históricos, pautando lançamentos musicais interessantes do momento.

4.2.3 *Estilo textual*

Embora existam nítidas diferenças entre a escrita de Mauro Ferreira e a de Rodrigo Ortega ou Braulio Lorentz, semelhanças unem os discursos trazidos pelos três e se aproximam do que significa uma crítica musical. A primordial delas (e que aparece nos textos do *corpus*) é o detalhamento das características das músicas dos álbuns. Os textos de Ortega e Lorentz optam por um estilo de resenha “faixa-a-faixa”, em que se discorre sobre cada música individualmente, mas Ferreira opta pelo estilo de redação corrida.

Ao tocar neste assunto, entretanto, acreditamos ser oportuno abrir um rápido parêntese para opinar sobre estes estilos de escrita, pois o modelo de resenha “faixa-a-faixa” quase sempre vai estar fadado à insuficiência. Ainda que os dois únicos álbuns analisados neste estilo sejam curtos (*Xscape*, 2014 e *Blackstar*, 2016), este formato é insustentável a longo prazo pois sugere que o crítico musical sempre tenha algo a dizer sobre tudo. Em tempos de *streaming*, onde os álbuns muitas vezes contam com até mais de 20 faixas e pequenas interludes de segundos, por exemplo, produzir um “faixa-a-faixa” se torna uma tarefa maçante para quem analisa e para quem lê (se chegar a ler). O estilo “redação corrida” pode levar mais tempo para ser produzido, mas entrega resultados melhores, como é percebido nas resenhas bem estruturadas de Mauro Ferreira.

Outro recurso presente em todas as críticas do *corpus* é a contextualização histórica, que aqui tem o objetivo não só de situar o leitor na vida do artista que tem a obra avaliada, mas também estabelecer ligações com momentos significativos do passado. Perceba, por exemplo, este trecho do texto “*Segundo álbum londrino de Caetano Veloso, 'Transa' faz 50 anos como objeto de culto na obra do artista*” (Mauro Ferreira, 2022) que usa os dois recursos de uma vez só,

lembrando do exílio de Caetano no Reino Unido, mas também do contexto de ditadura militar que o obrigou a tomar esta decisão:

Detalhe luxuoso: a gravação de *You don't know me* ostenta vocais de Gal Costa, cantora que em 1971 tinha ido a Londres visitar os amigos Caetano e Gilberto Gil no exílio forçado pelo governo militar que amordaçava o Brasil desde 1964 e, sobretudo, a partir de dezembro de 1968. Lembrança viva do país que latejava na memória de Caetano, o samba está entranhado em boa parte dos 37 minutos de *Transa*, álbum de som eletrificado, mas assentado sobre o baticum afro-brasileiro. (Ferreira, 2022)

Uma característica adicional percebida nos textos, ainda que pareça discreta, é o uso de voz pessoal, já que ela cria uma relação de proximidade com o leitor, transmitindo autenticidade em suas percepções. Esta é uma característica que coloca as opiniões em jogo e afasta este estilo de jornalismo do gênero informativo. No caso dos textos de Ortega e Lorentz, começar já no título com a frase “o *G1* ouviu” estabelece uma estranha relação de confiança com quem lê, mas também de um pequeno poder, onde o jornalista momentaneamente se torna o *G1*. Ao crítico vale a empolgação, como no trecho final da crítica de Mauro Ferreira ao falar sobre o álbum novo de Mart'nália (2017).

A produção e o arranjo do violonista Cláudio Jorge, com ênfase no sopro do trompete de Jessé Sadoc, valorizam gravação que atesta a habilidade de Mart'nália para misturar músicas e produtores de diversos estilos sem sair do próprio tom. Nem tente compreender, pois trata-se daquele indefinível algo mais que uns artistas têm e outros não têm. Mart'nália tem. (FERREIRA, 2017).

Por fim, optamos por realizar uma breve análise do emprego dos recursos digitais presentes nos textos do corpus. Compreendemos que, uma vez que o portal *G1* é uma plataforma direcionada à internet, é possível a inclusão de recursos especiais, como *hiperlinks*²⁹. O ciberjornalismo abre diversas possibilidades, sobretudo considerando que o *G1* é um dos sites mais

²⁹ Hiperlink é sinônimo de link e significa qualquer coisa que se coloca em uma página da web e que, quando clicada com o lado esquerdo do mouse, abre uma página diferente, ou um lugar diferente, da internet. A página diferente pode ser do próprio site ou de outro site. Disponível em: <<https://moodle.educacao.rs.gov.br/mod/glossary/print.php?id=7295&mode=letter&hook=H&sortkey&sortorder=asc&offset=0&pagelimit=10#:~:text=Hiperlink,site%20ou%20de%20outro%20site.>>

acessados do Brasil e que conta com o apoio financeiro do maior conglomerado comunicacional do país. Entretanto, ao menos nos textos analisados, não percebemos muita utilização de recursos especiais.

Quadro 5 - Presença de recursos do ciberjornalismo nos textos

Textos	Hiperlink	Links de saída ³⁰ no corpo do texto	Recursos incorporados (exceto fotos)
G1 ouviu: 2º CD póstumo de Michael Jackson é menos 'fake', mas é ruim	1	4	0
G1 ouviu: Inspirado em separação, álbum de Björk é 'Adele para indies'	2	3	0
'Blackstar' tem David Bowie sótno; disco cita Bíblia e 'Laranja mecânica'	0	0	2
Além do samba, álbum '+ Misturado' tem a cara e a leveza de Mart'nália	0	0	0
Álbum-manifesto da Tropicália faz 50 anos como retrato fiel da geieia geral brasileira	0	0	0
A explosão da mulher na música do Brasil em 1979 ecoa há 40 anos – A estreia de Marina Lima	0	0	0
Há 50 anos Tim Maia fez o Brasil dançar ao som do soul	0	0	0
Álbum de 1971 que consolidou reinado de Roberto Carlos faz 50 anos com relevância e atualidade	0	0	0
Segundo álbum londrino de Caetano	0	0	0

³⁰ Links de saída são hiperlinks que apontam para outras matérias do mesmo site ou até de outro. Para o levantamento, contamos apenas os links no corpo do texto já que, pela arquitetura de site do G1, todas as matérias contam com links de saída.

Veloso, 'Transa' faz 50 anos como objeto de culto na obra do artista			
Álbum perturbador que projetou Raul Seixas em 1973, 'Krig-ha, bandolo!' ainda é 'mosca na sopa' após 50 anos	1	0	0

Fonte: o autor

4.2.4 Direcionamento de público

Ao analisar os 10 textos presentes no corpus, novamente são perceptíveis diferenças entre os textos de Mauro Ferreira e os de Braulio Lorentz e Rodrigo Ortega, mas os três ainda assim escrevem em um estilo de fácil compreensão para quem sabe (ou não sabe nada) sobre os artistas discutidos nas matérias.

Entretanto, como Mauro Ferreira tem um espaço próprio — ainda que tudo que ele crie seja postado na editoria *Pop & Arte* —, se percebe que muitas vezes o jornalista adota um tom que segmenta mais o público do que Lorentz e Ortega, soando quase como um suplemento de jornal, mas dentro da internet. Ortega, por exemplo, recomendou o álbum da islandesa Björk, que há muitos anos deixou de ser uma artista do mainstream, usando outra extremamente popular como a Adele (2015).

Exorcizar uma separação, sem pudor de revelar todas as fases do rompimento, é tarefa difícil, mas pode indicar uma luz no fim do túnel. O caminho que levou ao fenômeno da dor de cotovelo pop "21", de Adele, é reescrito pelas linhas tortas de Björk no álbum "Vulnicura". Em resumo, não está fácil para a islandesa. (...) Em vez de viagens excêntricas sobre a mãe natureza, o tema familiar comprova: Björk também é gente. Se Adele é pouco indie para você, aí está uma nova opção alternativa de "disco de coração partido" para chamar de seu. (ORTEGA, 2015)

Mauro trata de música popular brasileira por todo o ano, mas os textos escolhidos para o *corpus* talvez tenham pegado um universo muito particular do autor, que foi o da exaltação de álbuns clássicos nacionais. A pergunta que fica também é: quem lê cultura? Golin e Cardoso (2010) já alertavam com dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada que “o contato com a cobertura jornalística cultural está reservado a um público restrito”. 49% das classes A e B nunca leem ou consultam jornais e revistas, seguidos por 62% da classe C e

75% das classes D e E. Por outro lado, 85% das classes A e B sempre assistem a TV, seguidos por 88% da classe C e 75% das classes D e E. Ainda segundo Golin e Cardoso (2010), o “consumo cultural expressa hierarquias, hábitos e distinções sociais e, no caso brasileiro, parece ser privilégio, sobretudo, de segmentos elitizados da população”.

4.3 Resultados da análise

Com a análise realizada, podemos entender como são feitos os textos de cunho analítico-musical do G1 e já podemos, com segurança, dizer que eles **se configuram como crítica musical**. Dentre os 10 textos do *corpus*, podemos perceber que ainda há um “sentido orientador do consumo” em relação aos álbuns novos, como foi nas críticas do “Xscape” (2014) e do “Vulnicura” (2015), mas também com um sentido contemporâneo de pós-consumo de produtos culturais (JANOTTI JR; NOGUEIRA, 2010), como representado pelas seis críticas de álbuns clássicos da música brasileira.

O estilo textual dos jornalistas Braulio Lorentz, Rodrigo Ortega e Mauro Ferreira apresentaram semelhanças que se complementam na concepção de resenha ou crítica musical, exercendo como atributos essenciais a análise detalhada das características das músicas dos álbuns e o esboço de perspectivas históricas, sejam recentes ou antigas.

Outro aspecto fundamental da crítica muito bem apresentado por Mauro Ferreira ao falar do álbum de Mart'nália é o de mediação entre público e artista. O jornalista teve a chance de ouvir o projeto antes do lançamento e fez uma resenha positiva, gerando a partir deste instante também uma função orientadora que o difere do jornalismo informativo, pois este é impessoal.

Ortega e Lorentz adotaram o formato de resenha “faixa-a-faixa”, que apontamos como empobrecedor da crítica. Apesar de envolver maior trabalho de sintetização e estruturação, um texto corrido como os produzidos por Mauro Ferreira tem a fórmula ideal para qualquer tipo de álbum, novo ou velho.

Os três autores do *corpus* da pesquisa - Braulio Lorentz, Rodrigo Ortega e Mauro Ferreira - que embora tenham perfis distintos, acabaram comprovando (ao menos neste recorte a ideia de Bollos, 2005) de que não se tem muito espaço na crítica musical para a figura do escritor ou estudioso de música com apego a questões mais estéticas. Muito pelo contrário: os três apelam para

contextos histórico-sociais, bem como para a vida pessoal para situar o leitor sobre o álbum que estão ouvindo.

Concluiu-se também que os jornalistas do *corpus* fazem pouco uso de ferramentas características do ciberjornalismo, como os hiperlinks e conteúdos multimídia incorporados, sendo essa uma lástima se levarmos em conta as diversas possibilidades fornecidas por um dos sites mais acessados do país.

Por fim, ainda que haja certas diferenças até causadas pelo álbum que se fala, as críticas são feitas em uma linguagem leve e acessível, mas isso não significa que o jornalismo cultural sempre seja assim.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de um interesse pessoal muito forte pela crítica musical desde o início da graduação, não poderia deixar este tema de fora também de um momento importante como o Trabalho de Conclusão de Curso. O objetivo deste estudo foi examinar textos analíticos sobre álbuns musicais veiculadas no portal G1, plataforma online do Grupo Globo inaugurada em 2006, cujo foco central recai sobre a internet e as mídias digitais. Para chegar às respostas levantadas no início do trabalho, foi decidido levantar um referencial teórico sobre jornalismo, cultura e crítica.

Dessa forma, no primeiro capítulo trabalhamos a intersecção entre o jornalismo cultural e a crítica musical, explorando como as narrativas entre esses dois campos se entrelaçam de maneira profunda e significativa ao longo da história, com autores como Daniel Piza (2003).

O capítulo se dividiu em duas partes: a primeira visou compreender a "cultura", conceito amplo que precisou ser brevemente problematizado e delimitado no contexto do jornalismo cultural e suas atividades (RIVERA, 2003), enquanto a segunda focou na crítica musical, destacando sua origem histórica e algumas perspectivas contemporâneas. Neste bloco, e com conceitos de Melo (1985), defendemos a crítica musical como uma atividade que pertence ao jornalismo e que deve seguir seus fundamentos, propondo então um paralelo com o texto de Reginato (2016).

No segundo momento teórico desta monografia focamos no Brasil, já que o nosso objeto de análise é nacional. Assim, o capítulo discutiu o nosso jornalismo musical com foco na arte da crítica. Traçamos um panorama histórico da produção sobre música no Brasil, destacando as revistas através da linha do tempo de Volkmann e Menezes (2015). Tratamos brevemente da *Revista do Rádio* nas décadas de 1940 e 1950, da *Revista da Música Popular* nos anos 50, da proliferação de suplementos literários nas décadas de 1950 e 1960, da *Revista Rolling Stone Brasil* nos anos 70, da revista *Pop* nos anos 70 e 80, da inesquecível MTV Brasil a partir dos anos 90, e dos tempos atuais. A partir do referencial, dividimos a crítica musical em três grandes fases: era clássica (se referindo à música clássica), era da música popular (a partir dos anos 50) e a era da convergência midiática, que vem depois dos anos 90. O capítulo também menciona críticos e veículos "da cena"

brasileira que trabalham hoje, como a *Folha de São Paulo* e o perfil na rede social TikTok chamado *A Clave do Fá*, fazendo uma mistura entre os tradicionais e os ultramodernos.

Ainda no mesmo capítulo, apresentamos o portal *G1* como nosso objeto de estudo, abrindo espaço para falar sobre a sua história. O site possui uma equipe dedicada à produção de conteúdo online e se destacou por sua estrutura semelhante a um jornal impresso, com seções temáticas e notícias em vídeo. A seção "Pop & Arte", foco desta monografia, foi criada junto com o *G1* e produz conteúdo cultural e de entretenimento com diversas subseções que abrangem cinema, diversidade, games, música, entre outros.

No terceiro capítulo, partimos para a análise. Foram selecionados 10 textos, um por ano entre 2014 e 2023, que falam sobre álbuns musicais de forma analítica, visando identificar os elementos que caracterizam esses textos como críticas e buscar suas peculiaridades. A metodologia adotada foi a Análise de Conteúdo, seguindo o modelo proposto por Laurence Bardin (1977), Herscovitz (2008) e usando formas de categorização inspiradas em Costa (2023): separação por *perfil dos autores, temáticas abordadas, estilo textual e direcionamento de público*.

Os resultados da análise então revelam que os textos analítico-musicais do **G1 podem ser considerados críticas musicais**. Dentro da análise dos 10 textos, se fazem evidentes características ligadas ao exercício da crítica, como a orientação em relação ao consumo de novos álbuns, bem como o fenômeno contemporâneo em que as resenhas se tornam um objeto de contemplação em si.

Os jornalistas Braulio Lorentz, Rodrigo Ortega e Mauro Ferreira, que produziram as resenhas analisadas, apresentaram visões parecidas em relação aos objetivos da crítica, ainda que tenham peculiaridades bem marcadas (como é o caso de Ferreira), mas conseguiram produzir resenhas com linguagem acessível, ainda que utilizando muito pouco dos recursos do ciberjornalismo atual.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977
- BARROS, Patrícia Marcondes de. **"Da praia à redação"**: a versão brasileira da revista Rolling Stone pirata (1971-1973). Dito Efeito-Revista de Comunicação da UTFPR, v. 6, n. 8, 2016.
- BASSO, Eliane Corti. **Jornalismo Cultural: uma análise de campo**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB, 2006, Brasília
- BOGADO, Maria. Crítica é conversa. In: RODRIGUES, Laécio Ricardo de Aquino (org.). **Crítica e curadoria em cinema: múltiplas abordagens**. Belo Horizonte: Ppgcom/Ufmg, 2023. p. 141-154.
- BOLLOS, Liliana Harb. **Crítica musical no jornal: uma reflexão sobre a cultura brasileira**. OPUS, v. 11, n. 1, p. 270-282, 2005
- BRANCO, Samantha Castelo; TARGINO, Maria das Graças; GOMES, Alisson Dias. **Jornalismo cultural: realidade ou idealização?**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom, 2006.
- BRANDÃO, Liv; SADOVSKI, Roberto. **"Bota essa porra pra funcionar!"**: MTV fez do mico estratégia de marketing. Splash Uol, 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/videos/2020/09/11/oi-sumido-reuniao-mtv-brasil-bota-essa-p-para-funcionar-direito.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2023.
- CORRÊA, Antenor Ferreira. **O sentido da análise musical**. OPUS, v. 12, n. 1, p. 33-53, 2006.
- COSTA, Mariana Guazzelli. **Elementos da crítica no jornalismo cultural: análise das críticas musicais da revista bula entre 2020 e 2022**. 2023. 65 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/258879>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- DA MATTA, Roberto. Você tem cultura. **Explorações: ensaios de sociologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 121-128, 1986.
- FAGUNDES, Ariel. **Todas edições da Rolling Stone brasileira dos anos 70 estão disponíveis online de graça**. Noize, 2017. Disponível em: <<https://noize.com.br/todas-edicoes-da-rolling-stone-brasileira-dos-anos-70-estao-disponiveis-online-de-graca-projeto-pedra-rolante-cristiano-grimaldi/#1>>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- FANTANO, Anthony. **Why Music Theory Doesn't Come up Much in My Reviews**. [S.l.]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LnLVAYtq4pk&feature=youtu.be>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

FERNANDES, Carla Montuori; DIAS, Lucia Carvalho Moreira. **Revista do Rádio: espetáculo e entretenimento na Magazine da década de 50**. Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, v. 21, n. 45, 2022.

FERREIRA, Mauro. **A explosão da mulher na música do Brasil em 1979 ecoa há 40 anos – A estreia de Marina Lima**. 2019. Disponível em: <https://G1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2019/01/07/a-explora-o-da-mulher-na-musica-do-brasil-em-1979-ecoa-ha-40-anos-a-estreia-de-marina-lima.ghtml>. Acesso em: 18 ago. 2023.

FERREIRA, Mauro. **Álbum de 1971 que consolidou reinado de Roberto Carlos faz 50 anos com relevância e atualidade**. 2021. Disponível em: <https://G1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2021/01/03/album-de-1971-que-consolidou-reinado-de-roberto-carlos-faz-50-anos-com-relevancia-e-atualidade.ghtml>. Acesso em: 18 ago. 2023.

FERREIRA, Mauro. **Álbum-manifesto da Tropicália faz 50 anos como retrato fiel da geleiá geral brasileira**. 2018. Disponível em: <https://G1.globo.com/musica/blog/mauro-ferreira/post/album-manifesto-da-tropicalia-faz-50-anos-como-retrato-fiel-da-geleiá-geral-brasileira.ghtml>. Acesso em: 18 ago. 2023.

FERREIRA, Mauro. **Álbum perturbador que projetou Raul Seixas em 1973, 'Krig-ha, bandolo!' ainda é 'mosca na sopa' após 50 anos**. 2023. Disponível em: <https://G1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2023/01/05/album-perturbador-que-projetou-raul-seixas-em-1973-krig-ha-bandolo-ainda-e-mosca-na-sopa-apos-50-anos.ghtml>. Acesso em: 18 ago. 2023.

FERREIRA, Mauro. **Além do samba, álbum '+ Misturado' tem a cara e a leveza de Mart'nália**. 2017. Disponível em: <https://G1.globo.com/musica/blog/mauro-ferreira/post/alem-do-samba-album-mistura-do-tem-cara-e-leveza-de-martnaliam.html>. Acesso em: 18 ago. 2023.

FERREIRA, Mauro. **Há 50 anos Tim Maia fez o Brasil dançar ao som do soul**. 2020. Disponível em: <https://G1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2020/01/02/ha-50-anos-tim-maia-fez-o-brasil-dancar-ao-som-do-soul.ghtml>. Acesso em: 18 ago. 2023.

FERREIRA, Mauro. **Segundo álbum londrino de Caetano Veloso, 'Transa' faz 50 anos como objeto de culto na obra do artista**. 2022. Disponível em: <https://G1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2022/01/03/segundo-album-londrino-de-caetano-veloso-transa-faz-50-anos-como-objeto-de-culto-na-obra-do-artista.ghtml>. Acesso em: 18 ago. 2023.

GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton. Jornalismo e a representação do sistema de produção cultural: mediação e visibilidade. In: BOLAÑO, César; GOLIN, Cida; BRITTOS, Valério. **Economia da arte e da cultura**. São Paulo: Itau Cultural, 2010. p. 184-203

GUTMANN, Juliana Freire. **Sobre performance e historicidade: uma abordagem estética e cultural da MTV Brasil.** In: E-Compós. 2015.

G1. Memória Globo, 2022. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/produtos-digitais/g1/>>. Acesso em 18 ago 2023.

HERSCOVITZ, H. G. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia, BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2008

HIATT, B. **Ed Sheeran Confesses: Tears, Trauma, and Those Bad Habits.** Disponível em: <<https://www.rollingstone.com/music/music-features/ed-sheeran-new-album-subtract-tour-cover-story-interview-1234694319/>>. Acesso em: 18 mar. 2023.

JUNIOR, Jeder Janotti; NOGUEIRA, Bruno Pedrosa. **Um museu de grandes novidades: Crítica e jornalismo musical em tempos de internet.** 2010.

LORENTZ, Braulio. **G1 ouviu: 2º CD póstumo de Michael Jackson é menos 'fake', mas é ruim.** 2014. Disponível em: <https://G1.globo.com/musica/noticia/2014/04/G1-ouviu-2-cd-postumo-de-michael-jackson-e-menos-fake-mas-e-ruim.html>. Acesso em: 18 ago. 2023.

LUFT, Celso Pedro de. **Minidicionário Luft.** 22 ed. 2010

MACEDO, Sandro. **Smartphone é, cada vez mais, dominante no acesso à internet.** Folha de São Paulo, 2022 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/tec/2022/07/smartphone-e-cada-vez-mais-dominante-no-acesso-a-internet.shtml>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório.** Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 39, p. 39-56, 2016.

Nelson Motta: paixão, generosidade e sorte. Revista Trip, 2020. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip-fm/nelson-motta-paixao-generosidade-e-sorte>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

NOGUCHI, Philippe Athayde Argüelles. **Acordes e opinião: a crítica musical no Brasil.** 2011. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

OLIVEIRA, Cassiano Francisco Scherner de. **O criticismo do rock brasileiro no jornalismo de revista especializado em som, música e juventude: da Rolling Stone (1972-1973) à Bizz (1985-2001).** 2011. 391 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

OLIVEIRA, Vitor Hugo Abranche de. **Para uma iniciação à crítica musical histórica.** In: VI Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História. PUC Goiás/UFG, 2013.

ORTEGA, Rodrigo. **G1 ouviu: Inspirado em separação, álbum de Björk é 'Adele para indies'**. 2015. Disponível em: <https://G1.globo.com/musica/noticia/2015/01/G1-ouviu-inspirado-em-separacao-album-de-bjork-e-adele-para-indies.html>. Acesso em: 18 ago. 2023.

ORTEGA, Rodrigo; LORENTZ, Braulio. **'Blackstar' tem David Bowie soturno; disco cita Bíblia e 'Laranja mecânica'**. 2016. Disponível em: <https://G1.globo.com/musica/noticia/2016/01/blackstar-tem-david-bowie-soturno-e-cita-a-da-biblia-laranja-mecanica.html>. Acesso em: 18 ago. 2023.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. Editora Contexto, 2007.

REGINATTO, Gisele. **As finalidades do jornalismo: o que dizem veículos, jornalistas e leitores**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): 2016. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/140809>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

STRELOW, Aline. **Jornalismo literário e cultural: Perspectiva histórica**. Revista Contracampo, n. 18, 2008.

VOLKMANN, Joice Camila. MENEZES, Leonardo Pereira. **O Jornalismo Musical a partir da década de 40**. Disponível em <https://www2.fag.edu.br/coopex/inscricao/arquivos/encitec/20151027-133101_arquivo.pdf>. Acesso em 18 ago. 2023.

WASSERMAN, Maria Clara. **Abre a cortina do passado: a revista da música popular e o pensamento folclorista (Rio de Janeiro: 1954-1956)**. 2002. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, História, UFPR, Curitiba.

APÊNDICE A – LINKS PARA AS CRÍTICAS DO CORPUS

Acesso verificado em 18 de agosto de 2023.

G1 ouviu: 2º CD póstumo de Michael Jackson é menos 'fake', mas é ruim

<https://G1.globo.com/musica/noticia/2014/04/G1-ouviu-2-cd-postumo-de-michael-jackson-e-menos-fake-mas-e-ruim.html>

G1 ouviu: Inspirado em separação, álbum de Björk é 'Adele para indies'

<https://G1.globo.com/musica/noticia/2015/01/G1-ouviu-inspirado-em-separacao-album-de-bjork-e-adele-para-indies.html>

'Blackstar' tem David Bowie soturno; disco cita Bíblia e 'Laranja mecânica'

<https://G1.globo.com/musica/noticia/2016/01/blackstar-tem-david-bowie-soturno-e-cita-da-biblia-laranja-mecanica.html>

Além do samba, álbum '+ Misturado' tem a cara e a leveza de Mart'nália

<https://G1.globo.com/musica/blog/mauro-ferreira/post/alem-do-samba-album-mistura-do-tem-cara-e-leveza-de-martnalia.html>

Álbum-manifesto da Tropicália faz 50 anos como retrato fiel da geleiá geral brasileira

<https://G1.globo.com/musica/blog/mauro-ferreira/post/album-manifesto-da-tropicalia-faz-50-anos-como-retrato-fiel-da-geleia-geral-brasileira.ghtml>

A explosão da mulher na música do Brasil em 1979 ecoa há 40 anos – A estreia de Marina Lima

<https://G1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2019/01/07/a-explosao-da-mulher-na-musica-do-brasil-em-1979-eco-a-ha-40-anos-a-estrela-de-marina-lima.ghtml>

Há 50 anos Tim Maia fez o Brasil dançar ao som do soul

<https://G1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2020/01/02/ha-50-anos>

[s-tim-maia-fez-o-brasil-dancar-ao-som-do-soul.ghtml](#)

Álbum de 1971 que consolidou reinado de Roberto Carlos faz 50 anos com relevância e atualidade

<https://G1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2021/01/03/album-de-1971-que-consolidou-reinado-de-roberto-carlos-faz-50-anos-com-relevancia-e-atualidade.ghtml>

Segundo álbum londrino de Caetano Veloso, 'Transa' faz 50 anos como objeto de culto na obra do artista

<https://G1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2022/01/03/segundo-album-londrino-de-caetano-veloso-transa-faz-50-anos-como-objeto-de-culto-na-obra-do-artista.ghtml>

Álbum perturbador que projetou Raul Seixas em 1973, 'Krig-ha, bandolo!' ainda é 'mosca na sopa' após 50 anos

<https://G1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2023/01/05/album-perturbador-que-projetou-raul-seixas-em-1973-krig-ha-bandolo-ainda-e-mosca-na-sopa-apos-50-anos.ghtml>